

Curso Online de Filosofia

OLAVO DE CARVALHO

Aula 48

06 de março de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Hoje que queria tratar de algumas questões que vão já nos aproximar gradativamente de um ensino um pouco mais técnico. Mas é evidente que nós não vamos poder seguir o procedimento usual, nem dos manuais de filosofia, nem dos cursos usuais de filosofia, justamente porque nessa parte técnica eu tenho os meus próprios critérios, os meus próprios truques, de modo que mesmo ao introduzir certas noções que são universalmente usadas no ensino da filosofia, especialmente no ensino de lógica, eu não exporei nenhuma noção de maneira puramente didática, como se encontra nos manuais de lógica. Ao expor a noção tal como se encontra nesses manuais, eu já farei as minhas observações críticas a respeito, de modo a evitar que esse conjunto de técnicas se transforme num conjunto de vícios.

Eu acho que toda essa dita revolução lógica que houve entre o fim do século XIX e o começo do século XX, embora pretendendo ultrapassar muito a lógica clássica, deixou de examinar de maneira crítica justamente aqueles os pontos mais vulneráveis da lógica clássica, e se ateve a um trabalho de aperfeiçoamento da silogística, que é a estrutura do raciocínio e da demonstração. É lógico que essa estrutura pode ser aperfeiçoada, mas esse aperfeiçoamento, por assim dizer, é meramente quantitativo, quer dizer, é um aumento de precisão de modo a evitar saltos no raciocínio. Isso tudo é muito bem-vindo evidentemente, porém, se não há um exame crítico aprofundado dos fundamentos mesmos da lógica, tudo isso se torna um puro fetichismo, sem contar o fato de que muitos desses pretensos avanços da lógica moderna já estavam enunciados pelos menos desde a Idade Média. Então aqui nós nos vamos nos reportar ao livro do Mário Ferreira dos Santos, *Grandeza e Miséria da Logística*, onde assinala várias descobertas que ele atribui a tipos que ele chama de Colombos retardados – sujeitos que descobriram a América depois de Colombo.

Sem contar essa parte, há ainda uma série de considerações que devem ser feitas quanto aos fundamentos mesmos da lógica, as primeiras noções de lógica que você adquire em qualquer manual. Eu estou me referindo aqui à lógica clássica. Quanto à lógica moderna, mais tarde nós faremos algum exame dela. Mas as observações que eu farei sobre a lógica clássica vigoram ainda para as lógicas modernas.

Eu queria começar lendo algumas noções que se encontram em qualquer manual de lógica. Eu escolhi aqui o livro do François Chenique, *Éléments de*

Logique Classique, mas poderia ter escolhido qualquer outro. Embora este livro seja um pouco mais rico em detalhes de natureza histórica, por exemplo, a explicação que ele dá sobre a lógica clássica é mais ou menos a mesma que você encontraria, por exemplo, no manual do Jacques Maritain, ou qualquer outro. Em suma, a lógica clássica é chamada lógica clássica justamente porque ela atingiu certa formulação que permanece estável desde a antiguidade até a idade moderna. Estável não quer dizer que não tenha havido acrescentamentos, correções, etc. Quer dizer que há uma estrutura básica que se mantém.

É evidente que o primeiro passo do ensino da lógica é justamente o problema da abstração, porque para você formar os primeiros conceitos que você vai utilizar em qualquer raciocínio lógico, você precisa ter um material, e este material é dado pelos conceitos imediatos dos objetos que você apreende na percepção. Esses conceitos imediatos são obtidos por um procedimento que os lógicos chamam de *simples apreensão*. A simples apreensão é o ato de você reconhecer um objeto, um ente, pelo seu nome – ou caso você não saiba o nome, você dá um nome qualquer – de modo que você forme uma idéia geral dele, e, dizem os lógicos, essa idéia será separada das circunstâncias particulares e concretas de ordem sensível nas quais esse objeto foi apreendido. Quer dizer, quando você vê um gato, você o reconhece como gato: você o está reportando a um conceito geral de gato, o qual conceito é independente e separado das circunstâncias concretas do lugar, do tempo, da situação onde estava o gato que você percebeu, pouco importa se o gato é branco, preto ou rajado, se ele estava deitado, de pé ou correndo, ou em cima do muro. Você faz abstração disto.

Então, vamos ler aqui o que este manual fala sobre a simples apreensão. Página 53, Noção de Simples Apreensão: *“Convém definir a simples apreensão, que é como que a atividade elementar do espírito humano e precisar os seus caracteres. 1. Definição da simples apreensão. A simples apreensão é o ato pelo qual a inteligência apreende a essência de uma coisa – a sua quiddidade – sem nada afirmar ou negar dela.”* Essa definição é padronizada, ela está em todos os manuais de lógica. *“A simples apreensão é, assim, a simples representação intelectual da essência ou quiddidade de um objeto.”* Quiddidade vem do *quid*, que em latim quer dizer “o quê”. É a resposta à pergunta “O que é?”. É um gato, é um camelo, é uma casa, é uma minhoca, e assim por diante. *“Trata-se, portanto, do processo do pensamento pelo qual o espírito humano apreende um objeto em sua essência, e dá, assim, nascimento a um conceito ou idéia. A simples apreensão é uma operação da inteligência (intellectus), e seu resultado é a idéia ou conceito, que é distinta da imagem percebida pelos sentidos ou reproduzida pela imaginação. Mas se a imagem e a idéia são distintas, devemos notar que o pensamento é praticamente sempre acompanhado de imagens. 2. Caracteres da simples apreensão. Esses caracteres são em número de três. A) A simplicidade. A denominação mesma de simples apreensão põe à mostra o primeiro caráter dessa operação. É um ato simples, pois ele tende a descobrir a essência de uma coisa, respondendo à questão primeira do pensamento: o que é? A resposta é a essência da coisa, isto é, aquilo graça à qual a coisa é o que ela é id quo res est, id quod est. O objeto da simples apreensão é sempre visto sob o um modo de unidade e a percepção da essência de um objeto reproduz a unidade do ser. B) O modo*

abstrato. É por um modo abstrato que a simples apreensão faz apreender a essência de uma coisa – a sua quiddidade --, isto é, a natureza de um objeto visto de uma maneira geral, destacada das contingências concretas. É preciso distinguir a simples apreensão de toda visão intuitiva das coisas sob o seu aspecto concreto, como é o caso, por exemplo, do julgamento no qual esse modo concreto é essencial.” Por exemplo, você viu acontecer alguma coisa – o gato subiu no telhado. Então, isto é um juízo, você está fazendo um julgamento, e esse julgamento é dependente da circunstância concreta porque ele é justamente a descrição da situação concreta. Então você não tem como transformar esse juízo numa abstração, numa generalização. Você está falando de um gato, específico, concreto que subiu num telhado, num determinado momento. Neste caso, o julgamento é feito com base na apreensão intuitiva. *“C. Ato sem veracidade, nem falsidade. A simples apreensão não julga, ela não afirma nem nega nada do objeto apreendido. Por isso, não se pode dizer que o conceito homem seja verdadeiro ou falso; não se trata [10:00] senão da representação intelectual da essência de indivíduos designados em outras circunstâncias de uma maneira particular como Pedro ou João.”*

Muito bem. Vamos examinar isto aqui com certo cuidado. O que acontece realmente quando você reconhece uma essência ou quiddidade? Os manuais dizem que você separa essa essência das circunstâncias concretas. Então, o conceito fica pairando, por assim dizer, no ar: ele não corresponde a nada que exista na realidade intuível, a nada que corresponda à realidade sensível, é apenas um esquema geral abstrato que expressa a essência ou o que aquela coisa é.

Ora, essa idéia de separar me parece que é uma explicação muito insuficiente da idéia de abstração. Porque no instante em que você separa, por exemplo, a idéia geral de gato da circunstância específica em que você viu o gato, em que sentido esta coisa está realmente separada? Ora, nós sabemos que o conceito geral de gato não sobe em telhados, não dorme, não faz xixi na sala, não mia e não faz nada daquelas coisas que os gatos normalmente fazem. Isso quer dizer que você descrever a abstração como uma separação – o próprio nome, que significa extrair de (abstrahere), sugere isto – não significa que você está descrevendo aquilo que realmente acontece no ato da abstração. Porque quando nós concebemos a essência geral gato tão somente enquanto idéia abstrata, nós normalmente nada sabemos de gato nenhum. Porém, pergunto eu, quem faz isso? Quem, olhando um gato, apreende dele uma essência geral que não pratica nenhum dos atos que os gatos concretos praticam? Ninguém faz isso. Quer dizer, quando você obtém a essência geral de gato – e você a obtém, de fato, mediante um ato simples da inteligência, a simples resposta à pergunta implícita ou explícita “o que é?” – quando você faz isso, você está subentendendo que aquele esquema geral chamado gato contém todas as possibilidades de todos os atos que todos os gatos do mundo possam fazer, e também de todas as situações diferentes nas quais um gato possa aparecer.

É isto que eu chamo precisamente o círculo de latência. Quer dizer, a simples apreensão não apreende somente um nome ou entidade abstrata, uma idéia de gato. Se fosse assim, nós teríamos uma dificuldade extrema de depois reconectar essa idéia abstrata com os objetos sensíveis desde as quais essa

idéia foi apreendida. Ou seja, o conteúdo lógico da simples apreensão é uma coisa, mas aquilo que você está apreendendo realmente, do ponto de vista epistemológico e psicológico, é uma coisa completamente diferente. Então aí começa o primeiro problema dessa ciência da lógica. A ciência da lógica trata de pensamentos que ninguém tem e de modalidades de pensamento que ninguém pratica. O objeto da lógica não é o pensamento real, efetivo. É um pensamento chamado ideal. Mas em que sentido um pensamento que começa, vamos dizer, por cortar o caminho entre as idéias e as coisas pode ser ideal. Ele só pode ser ideal no sentido da sua forma interna. Então, a lógica está procurando, desde os tempos de Aristóteles, criar uma modalidade de pensamento cuja forma interna seja perfeita. Só que a partir do momento em que você fez isso, você criou uma série de problemas. E esses problemas terão que ser resolvidos então numa segunda etapa da lógica que se chama a lógica material.

Aristóteles trata dessas coisas separadamente, quer dizer, são dois livros diferentes, *Primeiros Analíticos* e *Segundos Analíticos*. Os *Primeiros Analíticos* são lógica formal, e os *Segundos Analíticos*, lógica material. E como o pessoal encontrou esses dois textos separados, supuseram, creio eu um tanto ingenuamente, que essas duas coisas podem ser ensinadas separadamente, de maneira seriada – primeiro ensina-se a lógica formal, e depois a material. Mais ainda: supuseram que o próprio Aristóteles no ensino dele fizesse isso, só que nós não sabemos. Não é porque o sujeito tomou aqui uma pilha de papel com notas de lógica formal, e outra pilha de papel com notas de lógica material – que é a teoria do conhecimento – que se deve concluir que Aristóteles ensinava essas coisas separadamente, ou seja, que primeiro ele dava um curso de lógica formal, e depois outro curso de lógica material. O fato de as notas estarem fisicamente separadas não quer dizer nada. Nós não temos a menor idéia de como Aristóteles procedia no seu ensino oral. Tudo que nós temos são notas de aula. Nós não sabemos como ele dava as aulas realmente. Pelo caráter compacto, e freqüentemente obscuro dessas notas, nós podemos entender que se Aristóteles seguisse essas notas ao pé da letra na aula, ele seria o pior professor do mundo, ninguém ia agüentar aquele negócio, porque depois de uma hora de aula daquilo ali, sobraria tanta dúvida e tanto problema, que precisaria um curso de um ano para cada aula de um dia que o sujeito desse. Então não é possível que Aristóteles ensinasse assim. Ele deveria ter uma técnica pedagógica um pouquinho melhor, senão não teria tantos alunos, e feito o sucesso que fez.

Pra quem já leu alguns dos textos de Aristóteles, especialmente os textos lógicos, o que eu estou falando deve ser bastante óbvio, porque aqueles textos são de um caráter tão compacto, que para cada três linhas dá para você dar uma aula inteira. Eu mesmo desenvolvi a minha própria técnica de leitura de Aristóteles, que consiste em completar o que Aristóteles não disse. Eu pego aquelas notas e, supondo que eu estivesse dando uma aula a respeito, me pergunto como é que eu explicaria isso. Eu teria que descompactar cada coisa daquelas. E como eu suponho que Aristóteles tenha sido um pouco mais inteligente do que eu, imagino que não seja possível que só eu tenha percebido isso. Então, naturalmente, eu penso que ele fazia a mesma coisa nas suas aulas. Quer dizer, ele descompactava. Outro argumento que eu tenho em

favor dessa hipótese é que os escritos populares de Aristóteles – que eram escritos para o ensino da população leiga – eram muitos louvados pelo seu estilo, pela sua eloquência, etc. Então eles deveriam ser muito diferentes dessas notas, porque essas notas são o negócio mais sacral que você pode imaginar.

Então, os escritos de Aristóteles não nos permitem adivinhar como seriam as aulas dele. Ali você só tem breves notas quanto aos conceitos fundamentais que ele vai elaborar. Por isso, eu não acredito que o ensino de Aristóteles seguisse a ordem dos escritos de Aristóteles. Portanto, nesse caso específico, não há nem meio motivo para supor que primeiro ele desse um curso de lógica formal – quer dizer, a lógica voltada apenas para a coerência interna do discurso – e só depois fosse tratar do problema da conexão entre discurso e realidade. Se não há motivo para supormos que fosse assim, então também não há motivo para que cometamos o mesmo erro que nós estamos atribuindo a Aristóteles. Eu acho que essas noções de lógica formal, longe de serem aceitas como meros conceitos formais que devem ser usados na construção do discurso, já devem ser submetidas à crítica epistemológica desde o primeiro instante. E isto é uma coisa que eu comecei a fazer muitos anos atrás porque eu sempre tive uma atitude muito negativa com tudo que é meramente formal ou que parece regra de jogo. Eu já contei pra vocês que eu peguei uma birra com os jogos desde criança, porque tinha três tias que jogavam baralho, e baralho precisa de quatro parceiros, então havia um quarto parceiro que era voluntário obrigatório: eu. E eu comecei a pegar uma birra com regra de jogo desde aquele tempo. Até hoje, [20:00] quando querem me ensinar uma regra de jogo, eu encontro extrema dificuldade porque o meu cérebro se recusa. Eu sempre penso que toda regra de jogo, no fim das contas, é uma ordem que estão te dando. E o meu cérebro automaticamente pergunta: mas por que eu deveria fazer isto? Aí dizem: “Ah, porque senão estraga a brincadeira.” Então se trata de uma brincadeira apenas.

Desde o primeiro livro de lógica que eu abri, que foi justamente o do Jacques Maritain, eu percebi o seguinte: o indivíduo está enunciando um conceito como se fosse o conceito de uma coisa real, mas ao mesmo tempo aquilo é uma regra de jogo. Isso quer dizer que a lógica virou uma regra de jogo que você tem que aceitar, não porque as coisas sejam exatamente como estão descritas ali, mas simplesmente para você poder ser um participante do jogo. E acontece que essas regras proclamam uma série de coisas arbitrárias que não correspondem à realidade, e que só vão ser corrigidas muito tempo depois quando você entrar na lógica material. Só que aí a sua cabeça já vai estar viciada.

Então, a primeira coisa a se fazer é uma análise crítica desse conceito da simples apreensão, e temos que examinar o problema da abstração, para saber o que é exatamente a abstração. Nesse sentido em que está sendo usada aqui, abstração significa separar uma idéia das circunstâncias concretas, sensíveis, nas quais a coisa correspondente foi apreendida pela intuição. Mas essa separação ocorre efetivamente? Ou você está apenas dizendo que ela ocorre para você continuar tratando este conceito como se fosse separado da coisa sensível, quando realmente ele não é? Se o conceito for realmente

separado da coisa sensível, ele conterà somente os elementos essenciais. Por exemplo, os elementos essenciais da definição de gato, de cachorro, de casa, etc. Porém, acontece que nenhum objeto tal como definido em sua essência pode existir enquanto tal. Isto quer dizer que a partir desse instante você está lidando não com objetos reais, mas com objetos ideais. Entretanto, embora seja isso que Aristóteles diga em suas notas de lógica, não é assim que ele procede ao examinar as questões reais. Ele nunca faz isto. Então, ele tem todo aquele trabalho de criar a lógica, mas quando você vai ver, ele não a usa. Ele usa sempre o procedimento dialético. Ora, o nosso Mário Ferreira dos Santos enfatizava muito que para você corrigir o abstratismo errado da lógica você precisa sempre ter um procedimento dialético. E ele tem toda a razão. Só que o problema continua. Quer dizer, primeiro eu devo aprender a cometer todos os erros do pensamento lógico, e depois devo corrigi-los mediante um retorno dialético? Será que o Mário faz assim? É claro que não. Ele ficaria louco se fizesse assim.

Isso quer dizer que o pensamento lógico tal como exposto nos manuais de lógica simplesmente não existe. É um pensamento hipotético ideal que ninguém usa jamais, nem mesmo em ciência. A abstração real que nós fazemos é uma abstração que deixa subentendido o círculo de latência, ou então você não conseguirá pensar, ou, se conseguir, você vai pensando apenas com essências ou quididades que como tais não podem existir realmente. E todas aquelas condições que completam aquela essência e lhe dão a existência real, serão considerados meros acréscimos inessenciais. Parece-me que esse é um modo extremamente artificial e artificioso de pensar. Na verdade, ninguém pensa assim. Quando você faz um raciocínio sobre uma essência que você abstraiu de um objeto, você está deixando no plano de fundo tudo o mais que você sabe daquele objeto. Você não separou, você apenas distinguiu.

Quer dizer, ao ver um gato, eu sou capaz de distinguir não só entre este gato e outro gato, mas sou capaz de distinguir entre gato e o esquema geral gato. Só que essas duas coisas aparecem já numa relação tensional, como diria o Mário Ferreira. Por quê? Por um lado, àquele ente particular gato não pode faltar nenhum dos atributos que estão na essência gato – senão ele não seria um gato. E por outro lado, se aquela essência fosse apenas uma idéia, ela enquanto tal não poderia adquirir existência. Teria que haver a interferência de um terceiro elemento. Então, você tem aqui uma essência, a ali você tem um ente existente. A essência não pode se tornar existente, e o existente, por sua vez, manifesta somente um caso particular de concreção existencial daquela essência. Como é que se “concretou” existencialmente o gato? Foi a partir da essência gato? Não. O gato se “concretou” existencialmente porque o pai dele teve relações sexuais, legítimas ou ilegítimas, com a sua digníssima ou com a esposa de outro gato, e daí o gato nasceu. Quer dizer, o processo pelo qual o gato vem à existência não começa com a sua essência, começa com outra coisa. Hoje nós podemos dizer que a essência gato está dada no ADN do gato. Você tem uma forma que está determinada, de modo que quando o espermatozóide do gato atinge o óvulo da gata não vai nascer um jacaré, não vai nascer uma galinha, não vai nascer um de vocês, mas vai nascer precisamente um gato.

A definição de espécie, a definição biológica de espécie, é justamente a dos animais que podem se reproduzir. Tem aí no YouTube o filme de um cachorrinho *dachshund* traçando uma leoa. Procurem lá “*Brave dog*”, que vocês vão ver. A leoa está lá deitada, e o bichinho sobe nela e começa a executar. Só que não acontece nada, não nasce nada. Então nós sabemos que biologicamente o cachorro pertence a uma espécie e a leoa a outra porque, por mais que eles transem, eles não se reproduzem. Agora, se pegar outro cachorro, vai nascer exatamente um cachorro. Essa estabilidade permanente do produto da união sexual entre dois exemplares de uma espécie prova que a espécie existe. Ela existe materialmente, e não só como idéia.

Ora, quando você forma o conceito de gato, você já não sabe que se esse gato transar com uma gata vai nascer um gato? Você já não sabe que é um ente vivo, que se reproduz, um animal? Quando você o define por gênero próximo e diferença específica – claro que isso é um processo verbal – você já não percebeu tudo isto quando você percebeu o gato? Por exemplo, você é capaz de confundir um gato com uma árvore? Não. E não é só por causa de sua aparência externa, mas porque algo você sabe da conduta daquele gato. Portanto, você sabe de um repertório de atos e situações nos quais o gato pode entrar e a árvore não pode. O gato pode subir na árvore, mas a árvore não pode subir no gato. Isso você sabe imediatamente.

Então você já tem, num primeiro momento, uma idéia da espécie gato constituída não somente da idéia geral de gato, mas das condições concretas que permitem a sua existência como gato. Tudo isto está dado já na simples apreensão, sem a qual não aconteceria simples apreensão nenhuma. [30:00] Mas, em que sentido esta simples apreensão é simples? Ela é enormemente complicada. Pode-se dizer não que ela é um ato simples, mas que ela é um ato instantâneo do espírito. E, se ela é um ato instantâneo, isso significa que ela não perfaz imediatamente todas as possibilidades que tem. Esse conjunto de possibilidades está subtendido ali e se você amputar esse conjunto de possibilidades, esse círculo de latências, sobra-lhe apenas uma idéia abstrata de gato que, como tal, não pode adquirir existência de maneira alguma. Então, como vou fazer uma definição de “gato procriado”? Eu não posso fazer isso.

Desde o começo da filosofia houve essa dificuldade técnica, para a qual nem Aristóteles nem Platão conseguiram dar nenhuma solução na teoria. Mas, na prática, eles têm a solução, porque se vocês forem ver como eles lidam realmente com os objetos dos quais estão falando, vocês vêem que eles jamais se confundem a este respeito. Uma pequena ameaça ou aparência de confusão houve ali em torno da doutrina das idéias de Platão, onde os conceitos abstratos existiriam realmente num outro mundo. Mas hoje nós sabemos que isto foi apenas uma figura de linguagem, que Platão não pensava realmente isto, e que, portanto, as críticas que Aristóteles fez à Teoria das Idéias não são inteiramente validas, ou seja, Platão não acreditava inteiramente na Teoria das Idéias, ele a usava como figura de linguagem para poder expor simplificada algo que no seu ensinamento oral ele detalhava com toda a sua complexidade.

Então vamos tentar consertar um pouco a exposição dessa questão da simples apreensão.

Para fins de “puro” raciocínio lógico, você lida somente com essências abstraídas ou separadas das substâncias concretas. Esse é o tipo de pensamento lógico que você pode colocar num computador e ele vai continuar raciocinando porque vai usar somente os termos ou nomes que condensam esses conceitos e pode chegar a uma série de conclusões que valem para as essências consideradas, mas apenas indiretamente para os entes concretos aí referidos. Vocês lembram na aula passada quando eu estava dizendo para vocês que praticamente nenhum conceito científico corresponde aos entes reais que aquela ciência estuda, como, por exemplo, um gás em estado puro ou, como diria Galileu, uma superfície sem atrito. De fato, uma superfície sem atrito só pode existir no mundo das idéias platônicas. Aí surge o problema: a ciência está lidando com o mundo real ou com o mundo das idéias platônicas? A resposta é: está lidando com o mundo das idéias platônicas. E o modo de correspondência entre esse mundo das idéias e o mundo real é extremamente problemático, a não ser que admitamos a seguinte hipótese: enquanto o cientista está lidando apenas com aqueles entes abstratos, e ele, enquanto cientista, só tem de lidar com estes, enquanto ser real ele conhece aqueles objetos concretos realmente e não se esquece deles; ou seja, durante o tempo todo em que ele estava fazendo um puro raciocínio lógico-abstrato com essências, ele não perde a referência aos entes concretos, porque ele não consegue pensar de uma maneira tão pura quanto um computador pensaria. Então, ele sempre tem esta referência implícita ao objeto e a todo o seu círculo de latência.

Quando se está lidando com uma espécie animal, por exemplo, você tem a clara consciência de que essa espécie animal existe materialmente porque se formou de materiais que não são ela, que ela adquiriu do mundo exterior. Um gato tem de comer e, se gatos comessem somente gatos, a espécie não teria um grande futuro, tanto que, na mitologia, idéia de Saturno, o deus que come os próprios filhos, é uma imagem do inferno ou imagem da impossibilidade. Então nós dizemos que essa espécie, biologicamente considerada, é uma certa forma que se propaga através da absorção de elementos que não tem a sua forma, mas tem uma forma completamente diferente. Por exemplo, uma certa espécie animal pode se alimentar predominantemente ou até exclusivamente de carne, mas não de carne de membros da sua própria espécie. Dessa forma, os leões comem vacas e a carne dessas vacas não se transforma em vacas, mas em leões, porque aquela forma do leão que está dada no seu ADN tem o poder de absorver e de remoldar este material, processá-lo e remoldá-lo, lhe dar uma outra forma totalmente diferente da que ele tinha no início. E é a esta capacidade miraculosa de preservar a sua forma com materiais diferentes que nós estamos nos referindo implicitamente no ato da simples apreensão.

Se eu olho uma árvore e digo: é uma árvore, eu sei que essa árvore não foi sempre do mesmo tamanho: eu sei que ela cresceu e o fez absorvendo elementos que não eram árvore. Ela tirou minerais do solo. Você olha para o chão e diz: o chão não parece com árvore de maneira alguma. Então, esta simples noção “árvore”, esta quiddidade “árvore”, só está “separada” da

circunstância concreta onde existem as árvores para fins de pensamento lógico-formal hipotético, mas no conhecimento real que eu tenho dela, esta simples apreensão não produz uma forma separada, mas a fórmula de um ente cuja possibilidade de existência está dada como uma potencialidade da sua forma essencial. Assim, a quiddidade não é apenas a forma separada de existência, ela é a fórmula da possibilidade da existência.

Isso quer dizer que, se eu vejo uma árvore, eu não vejo só a forma externa dela, eu a vejo, por exemplo, como um ser vivo. Tanto que eu sei distinguir entre uma árvore que está de pé, produzindo folhas, frutos etc, e uma árvore que foi arrancada do solo e está lá caída no chão, apodrecendo. Isto aqui eu chamo de árvore, aquilo eu também chamo de árvore: "logicamente" é a mesma coisa. Então, estar morta ou estar viva é algo que não faz diferença para o conceito de árvore. Mas que conceito é esse? Se todas as árvores morressem não haveria mais árvores e não haveria, portanto, o que conceituar. Isso quer dizer que quando eu capto a forma essencial chamada árvore eu sei que é a forma de um ser vivo que tem certas propriedades e, portanto, [100:40] é não só o conceito de uma forma externa, mas de uma forma interna. Note que o próprio Aristóteles explica a diferença entre a forma no sentido externo e a forma no sentido metafísico ou lógico, tal como ele está, usando a palavra *eidos*, de onde saiu depois *idéia*. O *eidos* ou *forma* não é a forma externa, é uma forma interna, é aquilo que faz com que o ente seja aquilo que ele é e não outra coisa. Ora, a diferença entre uma árvore e um gato não pode ser somente uma diferença lógico-formal, porque o mero conceito de árvore ou de gato não pode fazer com um gato seja gato e que a árvore seja árvore. Deste modo, quando Aristóteles expõe essa teoria da abstração, ele está subentendendo que o sujeito que o ouve sabe o que quer dizer a palavra *forma*, o que não acontece com os leitores modernos.

Aristóteles dá um exemplo maravilhoso: uma mão cortada tem figura de mão, mas não tem forma de mão, porque ela não funciona como mão. Quer dizer, qual das duas formas eu apreendo na simples apreensão, a mera figura morta ou a forma vivente, a fórmula interna que permite que aquele ser seja o que é? É evidente que é esta última. E esta última não pode se separar dos elementos concretos e até dos elementos acidentais porque sem estes o ser não poderia ser o que é, existiria apenas uma idéia do que ele é.

Ora, sempre que nós lidamos com filósofos do tamanho de Aristóteles, precisamos entender que ele sabe mais do que está dizendo, porque não é possível dizer tudo. Você tem de comparar o que ele disse num pedaço de suas obras com o que ele disse em vários outros pedaços de tal modo que você não interprete as frases somente pelo seu sentido imediato, mas por aquilo que o filósofo está realmente vendo quando ele falou aquelas coisas. Assim, quando Aristóteles diz que na simples apreensão nós apreendemos somente uma quiddidade separada das circunstâncias concretas, ele sabe perfeitamente que se for separar a quiddidade das circunstâncias concretas já não há mais uma forma e sim uma figura. Ele sabe disto. É claro que ele está lidando com coisas tão sutis que não dá pra explicar tudo de uma vez. Então, é preciso que as várias fórmulas verbais usadas aqui e ali para expor o que Aristóteles está vendo sejam mutuamente compensadas de modo que a gente não saia

somente repetindo frases, mas repetindo a experiência cognitiva que está por trás dessas frases. Basta você comparar o conceito de simples apreensão com o conceito de forma – e os dois são dados em pontos diferentes dos escritos de Aristóteles – para você entender que a famosa separação entre a quididade e o ser concreto, particular, não é tão separativa assim, em primeiro lugar. Em segundo lugar, é preciso entender que o conceito não expressa somente as condições lógicas para que um ente x seja pensado como x , mas ele expressa algo da condição real que existe, que é necessária para que esse ente exista como tal. Por exemplo, aqui em cima da mesa tem um negócio que eu chamo de computador. Eu posso ter um conceito abstrato de computador, só que o conceito abstrato por si não pode funcionar como computador e então, quando eu penso um conceito abstrato, é verdade que eu estou apenas verbalmente me referindo ao conceito abstrato, mas eu, enquanto pessoa real, sei que por trás desse conceito tem um computador real feito por coisas que não são conceitos de computador, mas que são elementos materiais com as suas respectivas formas que articuladas de tais ou quais maneiras, extremamente complexas, juntando elementos heterogêneos, produz este efeito que eu chamo de computação. Desse modo, a simples apreensão não é simples; ela pode ser dita imediata, mas não é simples. Ela é simples no sentido de que ela não requer outros atos cognitivos expressos, mas quando você vai ver tudo o que está contido implicitamente nela, ela não pode ser simples de maneira alguma. Então, a simples resposta à pergunta *o que é* mostra que o ser humano tem a capacidade não de abstrair uma ideia geral separada das coisas concretas e particulares, mas a capacidade de perceber esta ideia geral no próprio ser individual e concreto. Se eu digo *isto é um gato*, então estou dizendo imediatamente que todas aquelas determinações que estão presentes em todos os gatos do universo estão presentes de modo pleno neste gato. Mais ainda: eu estou dizendo que este gato veio à existência pelos mesmos meios que vieram os outros gatos. E eu estou dizendo que esta essência ou quididade não é somente uma fórmula lógica, mas a fórmula interna do próprio gato existente; também estou dizendo que este ser particular e concreto ao qual corresponde a essência gato, está sujeito a sofrer todos os tipos de acidentes aos quais poderiam estar sujeitos todos os outros gatos. E, note bem, se eu não souber isso, como eu vou obter uma ideia geral gato? Por exemplo, eu sei que se um hipopótamo cair em cima dele, provavelmente ele será esmagado e nada sucederá ao hipopótamo. Eu sei que o gato pode resistir a uma agressão até certo ponto; se passar disso ele morre. É por isso que quando você tem um gato você cuida dele, para que nada lhe aconteça. Se ele cair do 3º andar, tudo bem, mas se ele caiu do 32º andar, vai ser difícil sobreviver! Quanto de experiência você precisa para saber disso? Nada, você sabe na primeira. Você tem essa antecipação – é isso que eu chamo de círculo de latência: você está consciente de todo um universo de acidentes possíveis. Eu sei, por exemplo, que eu posso matar o gato jogando-o pelo 35º andar, mas sei que não posso ensiná-lo a falar alemão. Sei que não posso cruzá-lo com uma coelha para nascer um terceiro bicho. Tudo isso já está dado, às vezes não de maneira totalmente consciente, mas como antecipação e como tensão.

Ora, todo o problema do conhecimento da natureza, o conhecimento dos seres sensíveis, depende desta consciência que você tem do círculo de latência, porque senão você vai pegar o conceito geral da espécie e começar a tirar

conclusões dela baseado somente na idéia ou esquema e você pode ir parar muito longe da realidade. [00:50]

No entanto, veja que coisa maravilhosa: Aristóteles foi um dos primeiros a classificar animais por espécies. É claro que, de vez em quando, você encontra uma espécie que é ambígua, você não sabe que raio de coisa é aquilo. Porque, diz o próprio Aristóteles, na natureza nada é preciso, nada é formal. Há ali sempre uma zona de nebulosidade, uma zona de incerteza, coisa que 24 séculos depois a física iria admitir. Mas, em geral e para todos os fins do conhecimento imediato que o ser humano necessita para se orientar no mundo, as espécies estão suficientemente distintas; e muito mais tarde, o conceito de espécie se estabiliza cientificamente baseado na idéia da reprodução, ou seja, a espécie não é um bicho que se parece com o outro exteriormente, mas é o bicho que tem a mesma formula interna e que, portanto, cruzado com outro bicho da mesma espécie e sexo contrário, pode produzir outro e não pode produzir um bicho diferente.

Quando se chega a esta conclusão, o que acontece? Depois de muitos e muitos séculos, finalmente se começou a entender a idéia do conceito da quiddidade no sentido dinâmico que Aristóteles propunha com a sua idéia da forma. E finalmente entenderam que a quiddidade não é só uma ideia abstrata, ela é a forma interior e esta forma interior é a força que faz com que um gato possa virar um gato. Então se entende quando se diz que a essência é aquilo que faz com uma coisa seja aquilo que é e não outra coisa, não poderia se dizer isso em lógica se isso não fosse verdade factualmente. Isso quer dizer que a distinção que os manuais de lógica fazem entre o conceito da coisa e a própria coisa tomada fisicamente, intuitivamente, é, por sua vez, apenas uma regra formal e não uma realidade. E essa é uma das grandes dificuldades para você estudar lógica. Quem se sai bem em estudos de lógica, no início? As pessoas que têm certa vocação para o raciocínio de tipo lúdico, jogo, pura arte combinatória. Entretanto, a pessoa que tem uma verdadeira vocação para a filosofia vai fazer perguntas substantivas e isto colocará dificuldades para o estudo da lógica. Isso quer dizer que a vocação de lógico é uma coisa, a de filósofo é outra completamente diferente. Existem muitos lógicos brilhantes, cujas contribuições para a filosofia são nulas. Por exemplo, Bertrand Russel. Há alguns anos atrás eu participei de um congresso – em espírito, em ectoplasma; eu não pude ir fisicamente, mandei o meu trabalho para lá e o trabalho entrou nas atas, mas eu fisicamente não estava lá porque na mesma época eu estava me mudando para os Estados Unidos –, e depois, examinando os trabalhos que saíram ali nas atas, vi que havia vários de natureza técnica belíssima, mas cuja relevância filosófica era, na maior parte, nula.

Eu vou dizer para vocês uma coisa que vai parecer um escândalo. Muitas pessoas de formação escolástica terão um ataque apoplético, porque acharão que eu estou desmantelando um edifício de 2400 anos. Aristóteles diz que a verdade existe somente no juízo, na afirmação e, por outro lado, diz que a simples apreensão nem afirma nem nega. Isso é impossível. A simples apreensão afirma um bocado de coisas. Afirma, na verdade, tudo o que você sabe sobre aquele ente e afirma a distinção entre ele e todos os outros entes possíveis. Dessa forma, o grande problema filosófico não está colocado no

juízo, mas na simples apreensão. Ou seja, aprender a fazer uma simples apreensão que não seja um mero formalismo lógico e fazer com que o seu raciocínio lógico prossiga sem apagar a sua consciência do círculo de latência, este é todo o problema filosófico. E como é que eu sei que é assim? Porque eu vejo que quando os grandes filósofos – o próprio Aristóteles, Santo Tomas de Aquino e outros – examinam os problemas na prática, eles nunca seguem este procedimento que está dado na lógica. Então, quando se define a lógica como a arte de orientar corretamente o pensamento para que encontre a verdade, isto é falso. A lógica não serve para orientar corretamente o pensamento, ela serve para você verificar retroativamente a correção formal do seu raciocínio. Só para isto. Porque nós sabemos que se existe uma contradição lógica no meio do seu discurso, então o seu ponto não está provado, o que não quer dizer que o que você diz seja falso. A presença da contradição lógica não invalida por si o conteúdo efetivo do que você disse, invalida apenas a prova que você está oferecendo. Você oferecer uma prova errada de que $2+2$ são 4 não quer dizer que $2+2$ sejam 5. Quantas provas erradas nós podemos desenvolver de que $2+2$ é 4? Um número infinito. A hora em que você invalidasse essa prova, você teria desmentido que dois mais dois são quatro? Não, você invalidou apenas aquela prova específica. Mas, ora, se o sujeito diz uma coisa que é verdadeira e na hora de oferecer uma prova ele se equivoca, o que é que tem importância mesmo, a verdade que ele está dizendo ou a prova errada? A prova errada foi apenas um erro accidental, por trás dela você pode apreender a verdade que está ali. Se você está interessado na verdade e não apenas na correção formal do raciocínio, você pode passar por cima de uma prova errada e descobrir uma prova melhor daquilo que o sujeito está falando. Eu mesmo acredito que, examinando a Teoria dos Quatro Discursos, eu ofereci provas muito melhores do que Aristóteles ofereceu, como se eu dissesse: olha, Aristóteles tinha mais razão do que ele disse. Ou seja, ele não deu provas suficientes disso, mas está aqui a prova de que a coisa é realmente assim. Então, de quem é o mérito maior, meu, que descobri uma prova ou dele, que descobriu a verdade da coisa? É dele evidentemente. Eu apenas ajudei a provar o que ele já disse.

Por sua vez, a minha Teoria dos Quatro Discursos tomada como uma totalidade se integra perfeitamente bem no edifício da filosofia de Eric Voegelin. Vários estudiosos dele me disseram exatamente isso: isto aqui é a peça que faltava para provar aquele negócio que o Voegelin está querendo provar: ele disse a verdade, mas não provou; eu estou dando aqui a prova. Quem descobriu a coisa foi ele, eu apenas botei um durex para a coisa não cair. A verdade é mais importante que a sua prova, evidentemente, mesmo que a sua prova esteja errada. E a lógica serve para corrigir provas. **[1:00]** Ora, quando você apreendeu uma verdade de tal maneira que para você ela é inteiramente persuasiva, por exemplo, quando você foi testemunha de algo, você viu com seus próprios olhos, entendeu o que aconteceu e pode até narrar, mas o juiz lhe pergunta: o senhor tem alguma prova do que está falando? Você responde: Não, eu sou a prova, sou uma testemunha, e, portanto, sou um elemento de prova. Eu não tenho de provar a veracidade de meu testemunho, o meu testemunho é que provará a veracidade de outra coisa. Se o meu testemunho foi impugnado então ele não serviu para provar nada, mas ele não tem de se provar a si mesmo.

Quando um indivíduo descobre verdades importantes e não consegue prová-las, elas não se integram no patrimônio comum, não se integram no consenso. Daí, concluímos que a lógica serve para dar uma validade consensual a certas verdades que independem desse consenso na totalidade. Portanto, é evidente que a lógica tem uma função muito subordinada. Absolutamente todas as verdades que foram descobertas em filosofia, ciência, no que quer que seja, foram descobertas por certos indivíduos concretos, particulares, e depois, através da exposição verbal e escrita das discussões, aquilo vai se integrar num consenso – às vezes se integra totalmente, às vezes parcialmente; às vezes rapidamente, às vezes leva séculos. Mas o que tem mais valor para nós, que estamos estudando filosofia? Descobrir verdades ou descobrir os meios lógicos verbais de torná-las consensuais? Há um momento em que você vai ter de fazer uma escolha, porque não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Descobrir uma verdade fundamental é uma coisa. Torná-la crível para as massas é outra coisa completamente diferente. É evidente que o nível de credibilidade que você vai alcançar depende da platéia a qual você se dirige. Uma platéia científica será mais facilmente persuadida por argumentos científicos, e uma platéia mais popular será mais facilmente persuadida por meio do apelo aos lugares comuns nos quais ela já acredita, ainda que isso, logicamente, seja uma prova inválida. Mas, nos dois casos, se torna apenas de persuasão, e não de percepção da verdade.

Como eu disse que em certo momento vocês terão de fazer uma escolha, para vocês que estão estudando comigo esse momento é agora. Se quiser provar tudo que acredita que sabe, você vai gastar o resto da sua vida em esforços polêmicos que nada acrescentarão às descobertas originárias. Porém, se você quer prosseguir em descobertas originárias e saber verdades fundamentais, saber pessoalmente, concretamente, muitas vezes você vai ter de desistir de prová-las, desistir de torná-las persuasivas.

[1:03:55] [Queda na transmissão]

[1:17:42] Nós estávamos dizendo que todos os problemas filosóficos fundamentais já estão colocados na simples apreensão, mas nem por isso ela deixa de ser simples, de certo modo, embora não seja simples de modo certo, pela sua instantaneidade. Isso quer dizer que muito do que se atribui ao chamado pensamento humano já está dado no ato intuitivo original. Digo isto porque, se a percepção de todo esse círculo de latência não estivesse dada na simples apreensão, esse conteúdo teria de ser completado em outros atos intuitivos posteriores. Porém, como esses atos poderiam se articular com uma essência, tomado no seu sentido de forma – do *eidos* aristotélico –, se este *eidos* fosse apenas uma fórmula vazia genérica, sem o círculo de latência? Ou o círculo de latência está presente desde o primeiro instante ou ele nunca vai chegar lá. O círculo de latência não pode ser apreendido por uma sucessão de atos: ou ele é uma percepção instantânea ou nada acontece. Então, o círculo de latência é a percepção imperfeita e nebulosa e um conjunto de propriedades e acidentes necessários à existência do ente que você está apreendendo. Portanto, na simples apreensão você não apreende apenas a quididade no sentido lógico, mas, por assim dizer, a quididade no sentido

ontológico, referindo-se, portanto, a um ser real. Porém, é claro que você não apreende somente a quiddidade de entes reais, mas também de idéias que você teve. A idéia de universalidade, ou a própria idéia de ser, a idéia de igualdade, de causa: tudo isso são idéias abstratas que você teve, mas você não pode dizer que as abstraiu de nenhuma coisa percebida. Você as abstraiu do próprio elo de necessidade entre os seus pensamentos. Portanto, você as abstraiu de uma estrutura lógica. Isso quer dizer que, o encadeamento da necessidade, que atrela um pensamento a outro pensamento – o primeiro, condição do segundo, o segundo, consequência do primeiro-, é também um dado de experiência. Todos nós temos essa experiência quando tentamos pensar, fazer um raciocínio, encadear idéias, e nos deparamos com uma contradição interna. Por exemplo, quando se tenta um raciocínio geométrico errado, digamos, tentando-se extrair do conceito de triângulo uma propriedade qualquer que os triângulos não podem ter. Ou, quando você calcula seu saldo bancário, está devendo três mil reais, e fazendo a conta de todos os depósitos que houve, vê que só está sobrando duzentos reais [1:20] na sua conta. Você desejaria que o resultado fosse outro, mas, por mais que você force, por mais que refaça a conta você obtém o mesmo resultado e diz: “Êpa, está me faltando aí não sei quantos mil reais”. Todos nós temos essa experiência de um elo de necessidade que nós observamos, por exemplo, na aritmética elementar, ou na geometria, ou em qualquer raciocínio lógico que nós tentemos fazer. E desta experiência da impossibilidade ideal nós tiramos uma série de conceitos de ordem metafísica, como a própria idéia de necessidade – necessidade vem do latim *nec sedo, nec sedere*, quer dizer, uma coisa que não cede. Por exemplo, uma conta: você faz e refaz a conta e vê que não tem jeito, não sai daquilo, o resultado é sempre o mesmo. Isto é uma experiência real, embora seja uma experiência puramente mental, mas pensar é fazer alguma coisa.

Quando você se depara com esta idéia da impossibilidade, ou seja, tal coisa tem de ser de determinada maneira e é impossível que seja o contrário, isto é uma experiência mais contundente do que ver um gato ou ver um hipopótamo. Toda experiência sensível você pode imaginar que seria de outra maneira, e, ademais, os entes sensíveis estão a toda hora mudando de posição, de atitude, cor, forma; os bichos crescem, morrem; as árvores também crescem e morrem. Ou seja, todo o mundo da natureza está em constante mutação, mas de repente você vê que tem algum elemento, pelo menos na estrutura do seu pensamento, onde as coisas não cedem, e desta noção do *nec sedere* é que você tira a noção de lei científica – lei, regularidade –, quer dizer, alguma coisa que, dadas determinadas condições, outras se seguirão necessariamente. Desta mesma impossibilidade nós temos a experiência no mundo exterior – não somente a experiência de perceber certas coisas, mas a experiência de tentar fazer certas coisas, como tentar levantar um peso maior do que a sua força admite. Eu lembro que uma vez assisti a uma mudança em uma oficina de marcenaria, com máquinas do tamanho desta mesa e outras maiores. Chegaram os homens da mudança, que eram seis negrões perto dos quais o Schwarzenegger pareceria anêmico – os braços deles eram da minha largura –, e juntaram os seis para levantar uma máquina e ela não movia um milímetro. É a mesma experiência de tentar fazer dois mais dois dar cinco. Nós temos essa experiência da impossibilidade física e nós temos a experiência da impossibilidade lógica. Se nós tivéssemos somente uma delas seria difícil você

relacionar uma coisa com outra. Vamos supor que, se nós não tivéssemos a experiência da impossibilidade lógica, só da impossibilidade física, nós sempre apostaríamos que determinadas coisas que foram impossíveis agora talvez sejam possíveis daqui a pouco. Mas, quando nós entramos no terreno da impossibilidade lógica, nós sabemos que o impossível é impossível. A experiência da simples apreensão já nos mostrou que um ente é aquilo que ele é e não outro ente, então eu olho o gato e digo “é um gato”. Isso quer dizer que ele não é um papagaio. Eu posso querer pensar que ele é um papagaio, mas isso não fará dele um papagaio, e todos nós sabemos disso.

Nós temos a experiência da impossibilidade sob várias maneiras, digamos, a experiência dos limites. Essa experiência naturalmente varia. Há certas pessoas que têm mais possibilidades que as outras. O rei Salomão tinha duzentas e tantas esposas e transava com elas todas as noites. Se vocês tentarem fazer isso vocês vão morrer. Existem impossibilidades que aparecem em certas circunstâncias, mas elas podem desaparecer em outras; mas há algumas, tanto no mundo ideal quanto no mundo real, que são impossibilidades no sentido absoluto, ou seja, elas refletem uma necessidade absoluta. Por exemplo, aquilo que é uma coisa não seja outra. Você pode olhar o gato quanto queira e imaginar que ele é um papagaio, e ele não vai sair voando. São Tomás de Aquino dava o exemplo de que você pode pensar que é um boi. Se concentre e pense que é um boi, e não vão nascer chifres na sua cabeça. Para nascer chifres na sua cabeça só com ajuda da sua esposa, aí sim. Mesmo se concentrando os chifres não nascem. Desta experiência da impossibilidade nós temos já diretamente a noção de que, se as coisas são o que são, é porque pesa sobre elas uma impossibilidade. Isso quer dizer que nós não percebemos só o círculo de latência, nós percebemos o círculo da necessidade. Eu, olhando um gato, sei que ele pode fazer muitas coisas: pode correr, miar, tomar leite, arranhar você, subir no telhado, desaparecer, fazer xixi no sofá; mas ele não vai sair voando. De um lado nós percebemos o círculo de latência, que é uma riqueza de possibilidades e de outro percebemos os círculo da necessidade, que limita o círculo de latência em modo absoluto, embora o círculo de latência seja ilimitado quantitativamente. Se você for enumerar todas as coisas que um gato pode fazer ou que podem acontecer ao gato, você não vai terminar a lista. Mas nós sabemos que isso está severamente limitado por um círculo de impossibilidade. Desde quando nós sabemos isso? Desde a hora em que vimos o primeiro gato. Porque se eu não vi o círculo de latência do gato, eu não sei o que o gato pode fazer. E se não vi aquilo que o limita, eu não vi aquilo que faz com que o gato seja gato, então eu não vi nada. Não houve realmente a simples apreensão, não houve apreensão da quiddidade, houve apenas uma sensação mais ou menos inconsciente. Se houve um ato de inteligência, de perceber a quiddidade, a essência, é porque eu percebi tudo isso: percebi o círculo de latência e percebi o círculo da impossibilidade.

Quando eu consigo descrever as estruturas internas do círculo da latência, quer dizer, as possibilidades máximas que aquele ente tem, e ao mesmo tempo o círculo da impossibilidade, ou seja, saber os seus limites ontológicos reais, eu sei praticamente tudo que existe para saber a respeito daquele ente. É por isso que eu digo que o problema filosófico máximo já está colocado na

simples apreensão. Eu percebi isso mais de trinta anos atrás. Percebi que era preciso haver, além da lógica, uma outra técnica, que é a técnica da simples apreensão concreta, ou seja, perceber as coisas como elas são. Na época eu não sabia que existia um negócio chamado fenomenologia. Eu estava lá desesperado lendo aquele manual do Jacques Maritain e pensando: aonde esse estudo da lógica vai me conduzir? Ele vai me conduzir a montar raciocínios muito bonitinhos e acreditar neles [1:30] como se fossem a máxima expressão da realidade, mas vai estar faltando alguma coisa. Os meus raciocínios serem perfeitos é bom, pelo menos vão ser mais persuasivos, eu consigo convencer as pessoas, consigo fazer uma demonstração tão bonita quanto o professor de geometria fazia na escola, com aqueles triângulos e aquela coisa toda que Descartes tanto admirava – que ele chamava as longas cadeias de razões –, coisa tão clara, tão simples. Eu conseguiria fazer isso e todo mundo ia me admirar, mas isso não impediria que o conjunto do meu discurso fosse falso. Aristóteles mesmo já dizia que a verdade só existe no juízo. Parece-me que isso está mal explicado, porque a simples apreensão já implica uma multidão de juízos, ela está, por assim dizer, aberta para uma multidão de juízos que não virão posteriormente, mas já estão dados naquele momento. Quando, mais tarde, eu soube que existia a fenomenologia de Husserl, eu fiquei maravilhado. Puxa vida! Esse cara não está me fazendo querer tirar conclusões sobre as coisas, ele está querendo fazer eu observar as coisas e dizer como elas são. É claro que depois a escola fenomenológica entrou por outros caminhos, tirou outras conclusões que a gente pode até achar erradas, mas a idéia inicial no Husserl era realmente muito boa. Eu lembro que, a respeito de René Descartes, com a idéia da dúvida universal, o poeta francês Charles Peguy escreveu: *Ce chevalier qui parti dans si bons pas* (Esse cavaleiro que partiu com passos tão bons). Não! Descartes partiu com passos completamente errados, o cavaleiro que partiu com passos bons foi Edmund Husserl com seu apelo para voltarmos a prestar atenção as coisas, os objetos de nosso pensamento e não a forma do nosso pensamento. É claro que a fenomenologia fez uma verdadeira revolução na filosofia e está dando frutos até hoje.

Mais tarde eu entendi que a atitude fenomenológica, a qual Husserl dava tanta importância, dizendo que ela requeria uma espécie de ascese e que ela ia contra o raciocínio natural, de modo que precisava ser treinada de tal forma que, no conjunto, a fenomenologia formava quase uma sociedade iniciática - as pessoas precisavam ser treinadas naquele modo de pensamento para elas refrearem o desejo de tirar conclusões e permanecerem fiéis às coisas mesmas, como dizia Husserl - tinha certas implicações morais e psicológicas que haviam escapado ao próprio Husserl. Por exemplo, de que adianta eu tentar descrever uma coisa tal como ela é em si mesma se no fundo eu desejaria que ela fosse outra? Se não houver, dentro de mim, um desejo de que esta coisa seja como é, eu não consigo levar a análise fenomenológica até o fim. Eu vou parar no meio, porque a coisa vai me repugnar e eu vou querer acrescentar o que não está ali ou tirar algo que está. Então, me ocorreu a ideia da contemplação amorosa. O termo amoroso vem de São Tomás de Aquino: o amor é o desejo de eternidade do ser amado. Você quer não apenas que o ser amado seja o que é, mas que ele o seja eternamente. Talvez nós possamos desenvolver esta atitude, ao mesmo tempo de contemplação, por assim dizer, resignada, e, partindo da resignação para algo mais que a resignação, quer

dizer, introduzir um desejo de que a coisa seja como ela é. Nesse tempo eu li uma historinha de Hegel, que às vezes ficava olhando uma montanha um tempão e dizia: “é, de fato é assim”.

Eu acho que aí está um dos segredos da filosofia. Os filósofos são pessoas que querem que as coisas sejam o que elas são. E que não têm somente aquela atitude de espanto e de recuo cognitivo perante a realidade, mas, ao contrário, têm uma atitude de aproximação das coisas, e de aceitação não apenas passiva, mas ativa da realidade. Tudo isto foi, aos poucos, formando dentro da minha cabeça uma espécie de filosofia inteira da simples apreensão, e eu cheguei à conclusão de que todo o problema está na simples apreensão. A simples apreensão é a apreensão de uma forma – no sentido aristotélico –, portanto, não é uma figura externa, não é esquema externo, mas é a própria fórmula interior que faz com que a coisa seja o que é, e que determina já todo o seu círculo de latência, ou seja, tudo aquilo que ela pode fazer e que pode acontecer com ela. Quando nós percebemos que uma pedra é uma pedra, nós sabemos que aquilo não se come. Certos animais você percebe que poderia comê-los em última instância, num caso de desespero, como um gato ou um cachorro. Mas normalmente existem outras ações que são mais convenientes à forma daquele animal. É óbvio que gatos e cachorros têm uma capacidade notável de fazer companhia ao ser humano, coisa que um leão não tem, embora você possa forçar a natureza. Diz que o falecido fundador do Bradesco tinha dois leões no escritório dele, no centro de São Paulo, na Rua 15 de novembro. Naturalmente, os leões tiveram de passar por algum treinamento pra poderem ficar ali, eles não estavam ali de livre vontade. Mas o cachorro fica ao seu lado de livre vontade, o cachorro segue você na rua e vai até a sua casa, e você tem que abrir a porta e deixar o desgraçado entrar, ele fica ali e se apegava a você. Dizem que gato não se apegava ao dono, mas eu não acho que seja assim, não. [1:40] Eu já tive vários gatos que eram muito apegados. Eu tive um gato que se chamava Bartolomeu que, todo dia quando eu voltava do serviço, dez minutos antes ele ia para a porta e ficava me esperando chegar. E quando eu chegava, ele já pulava no colo para exigir sua ração diária de carinho. Então, é claro que o gato se apegou. Tem certos animais que tem essa possibilidade, e outros não têm. É claro que a imaginação humana pode acrescentar ao animal ou à coisa muitas propriedades que ela não tem, mas aí nós sabemos que você está explorando o círculo de latência de uma maneira analógica, ou seja, por semelhança com alguma outra coisa. Por exemplo, esses cidadãos que têm atração por calcinhas. Dessa eu estou livre, porque para mim a calcinha é uma coisa absolutamente irrelevante, sobretudo porque, para fins eróticos, a principal finalidade da calcinha é ser tirada, salvo engano. Tem gente que acha que não, que tem de ficar lá. Mas, por analogia entre o continente e o conteúdo, você pode achar que a calcinha é extremamente atraente. A imaginação humana pode chegar às coisas mais absurdas, mas nós sabemos que estamos explorando o círculo de latência não tal como ele se apresenta em si mesmo e sim, por analogia, o círculo de latência de alguma outra coisa. Mais ainda, até as fantasias imaginativas as mais ousadas, descabidas e extravagantes do universo supõem um conhecimento exato do círculo de latência.

Daí que eu fui desenvolvendo, de certo modo, o meu próprio método, que eu

chamei de contemplação amorosa. A contemplação amorosa é uma aposta em que é bom que as coisas sejam o que são, e é bom que eu as deixe ser o que são e que eu queira que elas sejam o que são, mesmo quando elas me parecem ruins. Aí nós estamos adotando uma atitude cognitiva, nós queremos compreender o que as coisas são e não estamos, nesse momento, interessados em fazer nada com essas coisas. Não se trata de uma atitude prática onde você muitas vezes quer transformar uma coisa em outra. Por exemplo, tem uma árvore e você quer transformá-la em lenha para queimar e esquentar a sua casa. Mas mesmo isso supõe o conhecimento do círculo de latência da árvore. Se você não aceitasse o círculo de latência, você não poderia aceitar que as árvores tenham essa possibilidade de virar lenha para queimar. Em um primeiro momento, essa atitude puramente cognitiva é a condição prévia de toda prática bem sucedida, que é aquela que parte de uma aceitação das condições tal como estão, sem perguntar ainda o que eu quero fazer, porque o que eu quero fazer faz parte do meu círculo de latência. Eu sei que, a qualquer momento, tenho um conjunto de possibilidades que eu já conheço porque eu já exerci. Eu sou capaz de dar esta aula porque eu já dei. Mas tem muitas coisas que eu sei que sou capaz de fazer e que nunca fiz, e se eu não tivesse este conhecimento, a minha própria ação, neste momento, estaria severamente limitada. Neste primeiro momento eu não estou articulando o meu círculo de latência com o do objeto, mas de todo o meu círculo de latência eu estou exercendo apenas uma função, que é a minha capacidade de conhecer as coisas como elas são, de deixar que as coisas digam o que elas são.

E aí me apareceu outra seqüência de conclusões e de possibilidades que foram se abrindo diante de mim. Nós sabemos que, a partir da chamada Renascença, a ciência moderna toma o aspecto da matematização da realidade, ou seja, você descrever a realidade toda como um conjunto de fórmulas matemáticas, que são obtidas, com expliquei na outra aula, não a partir deste tipo de abstração, mas de outro tipo, que não vai abstrair do objeto a sua forma essencial, mas, ao contrário, vai ignorar a forma essencial e observar apenas alguma qualidade ou acidente - tomar esse acidente como se existisse em si mesmo, medi-lo e observá-lo de todas as maneiras, e tentar obter uma fórmula matemática da regularidade abstrata e ideal, evidentemente, de comportamento desse fenômeno. Mas, do mesmo modo, como nós poderíamos enxergar o universo inteiro como uma imensa articulação de fórmulas matemáticas, nós poderíamos encará-lo como uma articulação de significados, uma articulação de signos. Mais ainda, se ele não fosse uma articulação de signos, ele jamais poderia ser uma articulação de fórmulas matemáticas, porque as fórmulas matemáticas são obtidas através da nomeação de um fenômeno. Ou seja, por baixo da concepção matemática do universo e como uma condição prévia da concepção matemática do universo existe a concepção lingüística ou simbólica do universo. Nós podemos viver muito tempo sem a concepção matemática, porque ela só surgiu a partir do século XV e XVI, mas sem a concepção lingüística nós não podemos dar um passo. Se as coisas nada nos dissessem por si mesmas a respeito do que elas são e a respeito do que elas podem ser, não poderia haver a simples apreensão. Se não há a simples apreensão nem sequer de entes, muito menos haverá a simples apreensão de qualidade e fenômenos isolados. Isto quer dizer que, por baixo de tudo o que se chama de ciência existe outra ciência, a qual vem sendo aplicada pelo ser

humano desde o tempo do homem de neanderthal – eu não creio que o homem de neanderthal tivesse uma simples apreensão muito diferente da minha. Se a concepção matemática corta os laços com a concepção lingüística ou simbólica, o que acontece? Ela substitui ao mundo real, tal como nós o percebemos e dentro do qual vivemos, por outro mundo constituído apenas de ideais. E, se você decreta que este outro mundo de ideais é mais real que o primeiro, você está fazendo um ato de feitiçaria. O que quer dizer mais real? Mais constante? Ora, se você pegar o conjunto do que toda ciência sabe, esse conjunto é determinado pelo fato de que determinadas pessoas decidiram observar certos fenômenos sob certos ângulos, os quais não têm nada a ver um com o outro, ou seja, esse universo matematizável inteiro é um universo que existe por decisão, por escolha humana. Nós escolhemos certos aspectos. Ele é todinho inventado pelo ser humano. E, ainda que ele coincida que o universo observável em certos pontos que nós denominamos experimentos, ele continua sendo um universo altamente seletivo, e a seleção poderia ter sido operada de maneira completamente diferente se as pessoas decidissem estudar outras coisas.

A credibilidade do universo matemático vem do fato de que as mesmas observações, feitas das mesmas maneiras, com as mesmas medições levam sempre aos mesmos resultados, o que é um negócio inteiramente tautológico. A tautologia é parte inerente do processo científico. O que é fazer uma ciência? É fazer uma hipótese de que determinado campo de fenômenos se comporta de acordo com certa regularidade ou lei, e, em seguida, selecionar os fenômenos de acordo com essa mesma regularidade ou lei para verificar se isso é realmente assim. Em princípio, uma hipótese científica é feita para dar certo, e a seleção dos fenômenos a observar é toda determinada por essa mesma hipótese. Então, se dá errado é porque tem algo errado na hipótese. Mas, que a estrutura inteira do negócio é tautológica, é evidente. Fazer uma tautologia não é tão fácil assim. Se Galileu ou Isaac Newton acharam que tais ou quais fenômenos deviam se processar de tais maneiras se abstraídas, se separadas deles as chamadas qualidades secundárias como cor, som, gosto etc, ou seja, tudo que faz deles presenças reais, e, se os objetos assim recortados e separados das suas qualidades secundárias funcionam realmente como eles dizem é porque os objetos foram recortados e selecionados justamente para isso. Se você reintroduzir aquelas qualidades secundárias vai bagunçar tudo, evidentemente. [1:50] É claro que a estruturação deste universo matemático nada nos diz sobre a composição real do universo, absolutamente nada. Ela só fala a respeito de certas coisas que nós podemos fazer com certos fenômenos. Dizer que isto é compor uma concepção do universo é uma coisa inteiramente absurda. Falar em concepção científica do universo é uma coisa inteiramente absurda, porque se é científico não pode ser uma concepção do universo (científico no sentido moderno da coisa). Isso quer dizer que toda e qualquer ciência se apóia em uma concepção do universo e se apóia em uma concepção da própria ciência, mas ela, por sua vez, não pode criar esta concepção do universo. Quando nós vemos qual é a concepção do universo em que a ciência se baseia, nós vemos que é a mesma concepção na qual todos nós nos baseamos, que é o que eu chamo de concepção lingüística, na qual as coisas nos dizem o que elas são. Isso quer dizer que a presença material de um gato é um signo da essência gato, a qual contém, implicitamente, todo o

círculo de latência do gato. Tudo aquilo que nós vemos, nós vemos fragmentariamente. Se você diz que viu um gato, você viu um gato neste momento. Você não pode acompanhar um gato em todos os passos da sua vida e em todos os momentos da sua vida, senão você vai passar a vida observando o gato e não vai poder fazer mais nada. Por mais meticolosas que sejam as suas observações, elas são sempre fragmentárias. Isso quer dizer que a presença de um ente é apreendida como um signo de uma essência, de um círculo de latência e de um círculo de impossibilidade, e a precisa articulação do círculo de latência com o círculo de impossibilidade é o que nós chamamos de essência ou conceito do gato – não sendo a mesma coisa você ter simplesmente uma definição de gato por gênero próximo e diferença específica e você ter um conceito no sentido pleno da coisa, quer dizer, o nome exato.

Ora, eu acho que a possibilidade que o ser humano tem de fazer isso é a coisa mais inexplicável do universo, porque nós observamos certos objetos fragmentariamente, durante instantes muito limitados e apreendemos uma multidão de coisas, e não somente uma forma lógica, nós captamos realmente o *eidos*, a natureza da coisa com todo o seu círculo de latência. Mas perceber um círculo de latência é também fragmentário? Claro que é, porque a percepção também é latente. Se a coisa está latente ela não pode ser percebida como atual e presente, ela é percebida como tensão. A percepção dessas tensões é a percepção da verdadeira forma das coisas. Isso quer dizer que a inteligência humana opera em um nível que transcende os sentidos imediatos de uma maneira monstruosa. A multidão de coisas que você percebe na simples hora que você constata “isto é um gato”, tendo-o visto durante apenas alguns instantes, transcende de tal maneira os dados dos sentidos que jamais aquilo teria sido obtido por indução. A indução precisa de um monte de observações para tirar uma conclusozinha. Aqui, não. Aqui você tem uma observação pequena e tira uma multidão de conclusões certas, exatas, verificáveis que orientarão todas as induções que você fará depois. Então, esta capacidade de perceber o universal no individual concreto, isto é o que diferencia o homem de todos os entes existentes.

Desde que o mundo é mundo os erros de simples apreensão são mínimos. Em geral, quando nós pegamos um gato e dizemos que é um gato, é um gato mesmo; uma pedra é uma pedra; um jacaré é um jacaré; um edifício é um edifício; um ser humano é um ser humano; e existem pouquíssimas divergências quanto a esses pontos. A simples apreensão é uma capacidade humana absolutamente formidável, muito mais formidável que o raciocínio. É curioso que tantos filósofos tenham se preocupado em apontar erros de percepção baseados no raciocínio do que fazer o contrário: verificar erros de raciocínio baseados na percepção. Por exemplo, as famosas críticas da escola pirrônica aos sentidos. “Nós colocamos um pedaço de pau na água e dá a impressão de que o pau está quebrado.” Você perceber um pau em plena atmosfera é uma coisa e dentro d'água é outra coisa. Você queria que o pau, dentro da água, aparecesse exatamente como se estivesse fora da água? Isso seria a percepção correta? O sujeito está fazendo uma suposição absurda, e da suposição absurda ele tira uma crítica ao conhecimento pelos sentidos. Todas essas críticas são bobocas. Todas elas se baseiam em observações erradas e consistem em espremer as observações dentro de um raciocínio, dentro de um

critério de julgamento que não faz o menor sentido. Então, contra isso nós temos de afirmar que a percepção é uma coisa de uma exatidão e de uma riqueza infinitas, ao passo que o nosso raciocínio é extremamente limitado. Tanto que, quando começou a Filosofia, já criaram um critério para corrigir raciocínios, e esse critério chama-se Lógica. E nunca foi preciso criar um critério para corrigir percepções, o que já mostra que a própria existência da filosofia comprova que é mais fácil você errar no pensamento do que errar na percepção. Quando você comete um erro como esse do pau na água, que parece um erro – de fato não é, mas mesmo que fosse... – quer dizer que você percebeu que existe uma diferença entre o pau na atmosfera e o pau na água? E isto está errado, por sua vez? Ou seja, uma percepção errada, supondo-se que fosse errada, baseou-se em duas percepções certas. Ou seja, qualquer erro de percepção baseia-se em uma infinidade de percepções certas que o cercam. E é sempre assim.

Isso quer dizer que o velho Husserl estava muito certo quando apostou na percepção e não no raciocínio. Mesmo este dependerá da percepção de elos entre idéias. Há aqui várias idéias puramente formais, entes ideais que você criou, e você percebe que mesmo os entes ideais têm um encadeamento do qual você não escapa, e este encadeamento tem de ser percebido. Por exemplo, quando eu faço um raciocínio, o famoso silogismo: Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Portanto, Sócrates é mortal. Não há nada de percepção nisso, isso é um puro raciocínio lógico. Mas, quando eu estou enunciando a conclusão do silogismo, eu ainda me lembro da sua premissa inicial. Entre a premissa maior, a premissa menor e a consequência, eu estou percebendo um elo de continuidade. Como é que eu percebo esse elo de continuidade? Por pensamento lógico? Não, porque eu precisaria desmontar esse silogismo em outro silogismo, e em outro, outro etc. Então, o raciocínio lógico pressupõe uma percepção de continuidade, que é um ato de percepção e não de pensamento. Até o exercício do raciocínio lógico depende da percepção. Dito de outro modo: a percepção é tudo. [2:00]

Muitas pessoas são capazes de criar raciocínios lógicos inteiros e não notar os atos de percepção que ele teve que perfazer para chegar à conclusão do raciocínio. Quando Descartes diz: "Eu penso, e se eu penso, eu estou fazendo alguma coisa, e se eu estou fazendo alguma coisa é porque eu existo", ele disse várias frases e o sujeito do qual está falando, que é o tal do "eu", permanece constante em todas essas frases. Como é que ele sabe? Como ele sabe que o "eu" que existe é o mesmo que pensa? Que o "eu" cuja existência ele proclama é o mesmo cujo pensamento ele proclamava antes? Ele faz isso por pensamento? Não, porque daí teria que enxertar uma série de frases intermediárias nisso aí. Ele percebe a sua unidade imediatamente, ou seja, perceber a unidade de um silogismo não é um ato de pensamento lógico, é um ato de percepção! Percepção de um fato que transcorreu na sua memória. O único problema filosófico sério é o da simples apreensão e o único método, chama-se percepção. O resto é tudo enfeite.

Tudo isso que eu estou dizendo para vocês aqui, eu obtive mediante a percepção de atos externos e internos que eu perfazia quando estava estudando filosofia. Isto aqui vocês têm que entender, não como uma

exposição, mas como um depoimento. Eu estou contando coisas que me sucederam. Estou usando o mesmo método autobiográfico de Santo Agostinho e Descartes. E estou contando a minha história de tal modo que eu acredito que nenhum outro poderá contar de outra maneira, porque a mesma coisa deve ter sucedido a ele. Então à medida que nós formos estudando os outros elementos da arte da lógica, todo este monte de advertências vai ter de acompanhar vocês em cada ponto. Quando nós falarmos, por exemplo: o que é um juízo? Um juízo é uma afirmação, é acreditar em alguma coisa. Você não está apenas pensando aqui, está pensando como verdade. Ora, existe uma grande diferença entre meramente combinar idéias e combinar coisas que você acha que são percepções da realidade. Porém, a combinação de idéias é um ato mental e ela também terá que ser percebida. Então não tem escapatória: ou é percepção, ou nada.

E essa percepção que eu estou falando nunca é somente percepção sensível. A idéia de percepção sensível é uma abstração. Nunca ninguém teve uma percepção sensível. Ou se tem essa percepção completa, ou não se tem nada. Porque se for apenas uma percepção sensível, sem conteúdo inteligível, ela passa por você e você a esquece. Vamos supor que você teve uma percepção que não significa nada, não sabe o que é, não tem o nome dela – até para isso você precisaria exercer a percepção da percepção para poder dizer alguma coisa a respeito. Toda a percepção humana já é simples apreensão. Você está sempre apreendendo essências. E quando apreende essências, está apreendendo círculos de latência, é por isso que você sabe que está no mundo real e não num mundo de meros pensamentos. Isso quer dizer que a mais simples percepção contém riqueza suficiente para praticamente tirar toda a filosofia de dentro dela, reduzindo ao mínimo a quantidade de pensamento construtivo que entra ali. E nisso você vê que o método filosófico vai normalmente nos antípodas do método científico.

O método científico é eminentemente construtivista. Está tentando construir uma rede de relações matemáticas cujos equivalentes na experiência se mostrem constantes (com maior ou menor sucesso) e é isso o que ele está tentando fazer. A filosofia, ao contrário, está tentando permitir que as coisas digam o que são e está tentando elucidar, trazer à mostra, a presença significativa das coisas. Portanto, as exigências metodológicas são completamente opostas de certo modo. Se bem que tudo aquilo que se faz na ciência, sobretudo a parte do método científico, também tem que ser incorporado na filosofia, porque aquilo representa um modo, um enfoque possível, e o enfoque traz à luz uma multidão de constâncias que você pode, de fato, observar na experiência – guardadas as proporções entre a idealidade dos conceitos científicos e os fenômenos sensíveis observáveis.

Muito bem, então tenho a impressão de que está aqui hoje exposta esta parte do método. Eu não sei se essa aula ficou muito clara para todos, mas vocês podem ouvi-la de novo. Para mim, tudo isso está supremamente claro e justamente esse que é o problema: você já observou o problema tantas e tantas vezes que, chega uma hora, fala como Hegel: "É, de fato é assim." Mas talvez vocês tenham que tentar refazer a mesma experiência. Por exemplo, vocês experimentem me trazer aqui uma sensação pura, sem simples

apreensão, sem conteúdo eidético. Tragam uma – eu nunca tive nenhuma; procurei, procurei e procurei. Até no sonho as coisas têm conteúdo eidético. Se você sonha com um gato, não o chama de hipopótamo! Claro que no sonho, um gato pode virar um hipopótamo, mas como é que você sabe que ele virou um hipopótamo? Porque você sabia que era um gato e sabe que agora não é mais. Então este elemento lingüístico, este elemento semiótico, por assim dizer, está presente em toda a realidade. E ele não está presente como uma criação cultural – a criação cultural seria impossível se as coisas não tivessem uma essência e se você não pudesse apreendê-la.

Então, vamos fazer um intervalo e voltar com as perguntas.

[Intervalo]

Vamos retomar aqui e, antes de responder às perguntas, eu queria fazer uma observação. Alguns, ouvindo esta aula, podem achar que eu estou aqui demolindo ou depreciando a lógica. Ao contrário, eu só estou querendo treinar vocês dentro do enfoque em que a lógica seja aquilo que ela realmente é, e não aquilo que os manuais digam que ela seja. Eu acho que desde Husserl, nas *Investigações Lógicas*, se tornou claro de uma vez para sempre que a lógica é a ciência dos objetos ideais e as suas articulações. Ciência que, como tal, é importantíssima. Isso quer dizer que ao definir a lógica como a ciência que orienta o pensamento na busca da verdade, o que se fez foi atribuir à lógica formal um atributo que só pertence à lógica material ou teoria do conhecimento. E toda a reforma que foi feita na lógica a partir do fim do Séc. XIX com Gottlob Frege e outros, não abordou esses assuntos fundamentais que Husserl depois vai examinar nas *Investigações Lógicas*, que é um livro cuja a leitura analítica nós vamos fazer mais tarde – eu já fiz isso em dois cursos que eu dei no Rio de Janeiro: a leitura analítica da introdução das *Investigações Lógicas*. Nós vamos retomar isso mais para adiante porque é muito importante.

Considerada como ciência dos objetos ideais e as suas articulações, ela se torna, por sua vez, a ciência de uma das experiências mais fundamentais do ser humano, que é justamente essa experiência dos limites absolutos. Portanto a prática da lógica também requer uma percepção de si muito aguda e aprofundada, porque se você não tem consciência da continuidade do seu raciocínio e, digamos, dos obstáculos intransponíveis [2:10] que se colocam, toda a sua compreensão da lógica vai ficar muito viciada. Desde já, a lógica não é uma arte de pensar, não é uma psicologia, não é um estudo do pensamento real tal como ele acontece, mas é apenas o estudo de um determinado tipo de objetos. E esses objetos são extremamente importantes, porque eles vão dar a armadura inteira do conhecimento humano. Mas insisto: são também objetos de experiência. E quanto à articulação entre as impossibilidades ideais e impossibilidades reais, isto será um assunto que nós vamos investigar mais tarde.

Aluno: Entre a simples apreensão e o conceito é preciso passar por todo o trajeto dos quatro discursos?

Olavo: Não, isso acontece entre a sensação e a simples apreensão. Por isso que eu digo que a simples apreensão pode ser considerada um ato instantâneo, mas a estrutura dela é muito complexa. Há todo um processamento do objeto percebido até transformá-lo numa essência: isso pode acontecer de modo instantâneo no tempo, ela pode ser simples temporalmente, pode ser instantânea, mas a estrutura interna dela é extremamente complicada. O simples fato de você conseguir, ao mesmo tempo, distinguir e articular uma essência ideal a um ente particular e sensível, é uma passagem do poético para o analítico se transposto em termos de discurso. Se isso fosse feito discursivamente, levaria três anos. Mas como é que o ser humano tem a capacidade de fazer isso instantaneamente? É isso que é a maravilha. E se não pudesse fazer isso instantaneamente, jamais poderia haver os quatro discursos. Não é possível nós desenvolvermos, na esfera do discurso, o que quer que já não esteja dado de algum modo na percepção. Porque não teria base, não teria de onde você tirar isso. Também não é exato eu dizer que há uma passagem de um discurso para o outro discurso, mas são modalidades de apreensão que estruturalmente correspondem, analogicamente, aos quatro discursos.

Aluno: Quanto à formula interna dos entes, disse Hugo de São Vítor: "A Física estuda as causas invisíveis das coisas visíveis. A Matemática, as formas invisíveis das coisas visíveis"(...)

Olavo: Ele está falando da distinção entre fórmula e causa.

Aluno: (...) Isto parece estar de acordo com Mário Ferreira dos Santos e sua idéia da Fórmula da Proporcionalidade Intrínseca.

Olavo: Bem, o que é a proporcionalidade intrínseca? Eu nem quis entrar nisto nessa aula porque acho que isso requer um exame em separado. O que eu estou dizendo do *eidos* ou quiddidade é a mesma coisa que o Mário Ferreira (e, diz ele, a escola Pitagórica) designa como Lei de Proporcionalidade Intrínseca. Na verdade, uma coisa é a outra. E isto seria idealmente a verdadeira equivalência matemática dos entes. Se fosse possível expressar matematicamente o *eidos* de um ente, haveria, então, um número pitagórico dele. Na prática isto não é possível (ou não é possível ainda), mas eu acho que, mais dia, menos dia, chegaremos a isso, por que não?

Às vezes não há recursos matemáticos suficientes para isso. O problema com a matematização que houve a partir da Renascença é que ela é uma matematização de aspectos fenomênicos recortados, deixando de levar em conta o *eidos*, a forma intrínseca das coisas. É como tentar recompor o mundo a partir de uma coleção de fenômenos soltos que você vai articulando de acordo com as suas constâncias matemáticas e só, sem uma substância de mundo real embaixo. Então, o que seria a verdadeira ciência físico-matemática levada às suas últimas perfeições, seria uma ciência que não levasse em conta somente os fenômenos separados mensuráveis, mas as fórmulas internas ou leis de proporcionalidade intrínseca de cada objeto que ela está lidando. Isto, no momento, é totalmente utópico, só existe como possibilidade filosófica – nós podemos conceber filosoficamente isto, mas realizá-la como ciência

material eu acho um bocado difícil. No entanto, os progressos da matemática são tantos, que hoje as pessoas já conseguem descrever matematicamente até fenômenos aleatórios, absurdos e disformes. Então, por que não chegar a conhecer a Lei de Proporcionalidade Intrínseca de um certo número de entes e daí poder articular o estudo científico tal como hoje se conhece com uma consideração ontológica mais firmemente ancorada? Eu não vejo que isso seja impossível e acho que todos os nossos esforços devem ir nesta direção.

Aluno: Uma alucinação é um erro de simples apreensão?

Olavo: Não, de jeito nenhum. A alucinação pressupõe a simples apreensão correta. O que falha na alucinação é a percepção que o sujeito tem, não dos objetos, mas do seu próprio pensamento. O indivíduo, num certo ponto, perde o controle do que foi percebido e do que está criando. É uma confusão entre o dado e o construído. É só isso, não é nada mais. Quando o sujeito imagina, por exemplo, que tem um leão embaixo da cama, ele sabe o que é leão, ele sabe o que é cama e sabe o que é embaixo. Então a simples apreensão ele não errou. Onde o sujeito perde o fio da meada (e veja, isso é a raiz não só de alucinações, mas de uma infinidade de erros filosóficos), é na narrativa do seu processo interno, na má percepção do seu próprio pensamento. É claro que é mais fácil você fazer uma simples apreensão de um gato e dizer "é um gato" do que você acompanhar o fio dos seus pensamentos e ir acompanhando o que é que foi percebido, o que é um dado de memória e o que é uma articulação que você criou. De certo modo, confundindo seres reais percebidos com seres ideais. Toda alucinação cai nisso aí, quer dizer, é uma falha de autopercepção. É uma narrativa errada de si mesmo. Tanto que em todo o processo psicopatológico o indivíduo geralmente conserva a capacidade para uma série de ações no mundo exterior que pressupõe a simples apreensão muito correta. Agora, o que realmente falha é a consciência de si, a percepção de si mesmo. Por isso que há sempre um problema de identidade, ou uma série, digamos, de desvios de conduta, onde o sujeito age de maneiras que ele mesmo não aceita, mas não sabe que está fazendo aquilo e conta sua história de maneira errada. Eu acho que tudo isso aí é a doença do ego, a doença da autoconsciência, e não da percepção. E não é uma doença do pensamento, por assim dizer.

Aluno: Então, nesse sentido, o treino da percepção correta tem que vir junto do treino da autoconsciência? [2:20]

Olavo: Sem sombra de dúvida! A autoconsciência é onde aparecem os problemas. O meu falecido amigo, Juan Alfredo César Müller já dizia que uma psicoterapia reescreve a história do "eu", a história do ego. Ela não mexe na psique, ela só mexe no Ego. E este é uma história que você contou para si mesmo. E é muito fácil você perder o fio da meada desta história, começar a chamar de "eu" o que não é "eu".

Sempre que você mente, você está negando a autoria das suas ações. Quando você mente para você mesmo, você a nega, mas para poder continuar negando, você tem que encobrir a primeira mentira com uma segunda, com uma terceira e com uma quarta, e você apaga o mapa. É por isso que a

confissão, pelo menos de si para si, é extremamente importante para manter a integridade.

O doutor Müller também dizia que crescer, desenvolver-se humanamente sem rever a história do ego é se candidatar a uma neurose ou, ainda, até uma piscose. Todo o problema aí gira em torno da autoconsciência. É o problema da narrativa, é o problema da confissão: tanto em escala macro (a narrativa da sua vida inteira), quanto na escala micro, reproduzir corretamente um pensamento que você teve. Nós vimos que o próprio Descartes comete esse erro: ele começa a contar a história do "eu" dele e daqui a pouco transpõe aquilo para um conceito filosófico abstrato de ego, e não percebe que mudou de plano de discurso. Não é propriamente uma alucinação no sentido clínico, mas tem a estrutura de uma alucinação. Ele só fez este erro naquele momento. Nos demais momentos, ele sabia perfeitamente que era o Sr. René Descartes e não o "eu filosófico". Por exemplo, o "eu filosófico" não tem dívidas. Se chegasse alguém cobrando: "Está aqui uma dívida em nome do Sr. Descartes", ele não responderia: "Eu não tenho nada a ver com isso, sou um 'eu filosófico' abstrato". Portanto, não estava tão maluco. Então vamos dizer que o maluco é o sujeito que acredita no seu erro filosófico permanentemente, o filósofo não. Este só erra naquele momento que está escrevendo aquilo, explicando aquilo, mas depois volta ao normal. Essa volta ao normal é que justamente caracteriza a paralaxe cognitiva: o sujeito afirma no plano filosófico algo que ele como ente humano real não pode afirmar.

O que também é uma coisa muito interessante, porque o mundo lógico, o mundo das articulações entre idéias puras tem uma estrutura, tem uma ordem interna e tem uma força sobre nós. Então quando nós criamos essas grandes estruturas filosóficas e grandes interpretações da realidade, nós ficamos fascinados por elas. E, às vezes, você vê um elo de necessidade lógica ali dentro tão forte, que te impele a afirmar certas coisas ainda que a sua experiência desminta aquilo. Ou seja, muitas vezes a filosofia se torna um labirinto no qual o sujeito entra e que o fará perder o fio da meada – ele não sabe mais como entrou naquilo. Isso ocorre porque o construtivismo filosófico não foi devidamente acompanhado pela atividade narrativa de autoconsciência. O cara, de certo modo, se transformou na personagem que ele estava construindo. E o sujeito decide, por exemplo, raciocinar como se fosse o próprio espírito universal. Bem, qualquer sujeito que raciocine que dois mais dois é quatro está raciocinando como se fosse o espírito universal, porque isso é válido universalmente. Mas o fato de poder raciocinar como se fosse o espírito universal não quer dizer que ele o seja, não é? E se pega o hábito, daqui a pouco encarna mesmo a personagem, e está pensando que é Deus. Vamos dizer que, nesse sentido, as humilhações que são inerentes à vida intelectual podem ter uma função educativa e pedagógica: você é grande, mas não é dois, não é?

Aqui há uma carta – eu não vou dizer o nome do autor porque eu acho que é muito significativa, muito pessoal – que eu acho que é importante para todos vocês.

Aluno: Tive hoje um exemplo concreto e bruto da opressão e da força depressiva do meio social brasileiro. (...) Um dia estava ocorrendo um concurso para preenchimento de vagas numa determinada firma e eu me inscrevi, mas eu fiz muito mais por pedidos da minha esposa que por vontade própria. Não estudei, ou estudei muito pouco para a prova com pouquíssima motivação e empenho. Acontece que hoje pela manhã eu estava fazendo algumas anotações a partir do vídeo sobre o Mundo dos Princípios. Minha esposa, ao acordar e ver a cena, simplesmente surtou e iniciou uma discussão comigo. Disse que eu era um irresponsável por não estar estudando para o concurso. Após isso, a coisa evoluiu para uma discussão sobre as minhas responsabilidades enquanto chefe de família, e um dos principais deveres, se não o principal na ótica dela, era de que eu devia lhe proporcionar uma vida melhor e pensar no nosso filho (ela está grávida). Nesse exato momento, percebi toda a miséria e depressão do ambiente social brasileiro. Minha esposa, meus pais, todo o meu círculo de convivência, são desgraçadamente burgueses. O paraíso deles e a Santíssima Trindade deles e de toda a classe média carioca, acredito, é um condomínio fechado com piscina na Barra da Tijuca, plano de saúde, cargo público com vencimentos a partir de dez mil reais por mês. Ou seja, não importa se eu estou buscando uma vida intelectual verdadeira, autêntica, sincera ou não. O que importa é viver uma vidinha burguesa com um empreguinho público, tudo de acordo com os sentimentos e convenções dos homens "sérios, responsáveis". Argumentei, e talvez tenha sido um erro, que naquele exato instante ela estava sendo uma influência negativa na minha vida, um fator depressivo, algo que me afastava da minha vocação (...)

Olavo: Ela não estava fazendo somente isto, está torcendo pelo seu fracasso. Porque se você está indo numa determinada linha, e é ali que você está apostando, é claro que essa aposta é de mais longo prazo do que um mero concurso. E você é boicotado nesta linha? É claro, meu filho, lá sabe ela o que você pode ser daqui a vinte ou trinta anos? O que seria eu, se tivesse feito um concurso para o Banco do Brasil? Eu seria Olavo de Carvalho, estaria aqui ensinando vocês, teria a independência social, ou a autoridade, ou o prestígio que tenho? Eu não seria nada disso! Seria mais um desgraçado que estaria no serviço psiquiátrico do BB. Lá tem essa coisa notável! Tive vários parentes que trabalharam no BB que foram todos parar no serviço psiquiátrico, porque o serviço psiquiátrico do banco era maior do que o próprio, e todo mundo fazia um estágio lá – às vezes ficavam meses, tiravam licença. O sujeito ficava louco porque era vantajoso ficar louco, era muito melhor estar na lista dos loucos do que estar trabalhando lá. E este teria sido meu destino! Você está fazendo uma aposta de longo prazo – porque o exercício da vida intelectual autêntica vai te abrir meios de atuação pública infinitamente maiores do que você teria como funcionário de tal ou qual empresa estatal ou privada. Também vai te fortalecer muito de tal maneira que o trato com a sociedade brasileira se tornará, de fato, mais fácil para você.

Num primeiro momento você está apenas observando dificuldades e impossibilidades, e está meio assustado, certo? Então você está na fase do coelho: o coelho tem que ficar na toca, de vez em quando sai para buscar um pouco de comida, mas volta correndo porque está com medo. E depois você vai

se fortalecendo e o próprio conhecimento que adquire desse círculo de impossibilidades, ao invés de ter um papel depressivo em cima de você, é simplesmente o mapa do campo de batalha! E quanto melhor você conhecer esse mapa, quanto mais souber onde estão todos os obstáculos, todas as dificuldades, melhor vai se sair no meio! De fato, junto com este ensino aqui, espero que todos vocês vão apreendendo meios de validar socialmente a vida intelectual. Existe uma infinidade de recursos que, aos poucos, vocês irão percebendo. Não precisa decidir tudo no começo. No começo é bom ficar bastante impressionado, como está aqui o remetente dessa carta: "está tudo impossível, todas as portas estão fechadas, todo mundo está querendo acabar comigo..." – ótimo, quer dizer, você está vendo o mapa do problema. Agora a saída, onde está? Enquanto não terminar de ver o mapa, você não vai descobrir a saída.

Saída sempre existe, e assim como tenho muitos alunos que, no começo das suas carreiras, ficaram assustados e se sentiram deprimidos, pisados pela sociedade, tenho outros que começaram a se sair muito bem nas suas respectivas profissões, [2:30] justamente porque tinham consciência disto e já tinham instrumentos intelectuais para superar os seus antagonistas. Você não tem ainda, mas você terá, continue na linha que você terá. Eu tenho vários alunos que viraram presidente de empresa, subiram na vida pra caramba por ter ganho uma autoconsciência mais firme, portanto uma autoconfiança justificada. Uma autoconfiança efetiva nos seus meios de ação intelectual. Então, isso também vai acontecer com você, mas num primeiro momento você vai ter que viver a experiência do negativo, da pressão. A minha sugestão é essa, fique calmo que você vencerá. Eu não estou aqui também para dar conselhos matrimoniais a ninguém, mas com a sua esposa seja extremamente severo e extremamente amoroso, não ceda um milímetro, mas nunca negue amor a ela. Quer dizer, não nivele a sua posição com a dela, você está falando em nome do dever que você tem de se constituir intelectualmente e moralmente para uma batalha honrosa que você deverá vencer, e que terá no momento devido até as recompensas materiais e financeiras que você mereça. E ela tem a obrigação de te ajudar nisso, a apostar no seu futuro e não somente no interesse imediato dela.

Até como funcionário desta firma aí, você tendo uma inteligência superior, treinada, você vai se sair muito melhor lá do que qualquer Zé Mané que tenha lá dentro. É claro que num primeiro momento tentarão te boicotar pela concorrência desleal, porque não existe nada pior no mundo, nada mais destrutivo no mundo do que a inveja reunida dos incapazes. No começo a gente fica assustado, mas na hora em que você perder o medo e começar aprender a lidar com isso, você vai ver que a inveja dos incapazes é uma maravilha, é uma maravilha, porque você mostra os dentes assim um pouquinho e eles saem todos correndo. No começo eles fingem que são fortes, mas não são não. Outra coisa, o importante não é o que a sua esposa pensa, mas o que você pensa. Eu por exemplo, eu acho que nenhum pai de família tem obrigação nenhuma de dar uma vida melhor para ninguém, ele tem obrigação de repartir com a família generosamente tudo que ele tem, até o último tostão – você vende as suas cuecas para você dar de comer aos seus filhos. Faça tudo o melhor do que você pode atualmente, mas você não tem

obrigação nenhuma de melhorar. Dar uma vida melhor, não! Eu não posso te dar o que eu não tenho. E ademais o que é uma vida melhor? Você está vendo uma vida um pouco melhor do ponto de vista material e imediato, mas eu estou vendo uma vida muito melhor, onde eu vou te dar não somente isso que você está pedindo, mas muito mais coisas. Pode demorar um pouco mais de tempo, mas você tem a obrigação de apostar não somente no mês que vem, mas apostar no meu futuro e me ajudar a conquistar um futuro muito melhor. Agora quantas vezes eu não vi, eu já vi mais brasileiros arrependidos de não ter dinheiro para comprar um bom presente para o filho no natal do que arrependido de ter mentido, de ter corneado a mulher, de ter batido no mais fraco, de ter sonegado imposto, de ter dado cano nos credores, etc. Quer dizer, esta obrigação de manter um padrão de vida idealístico, idealizado, é uma falsa moral, é uma coisa demoníaca, é um dos maiores motivos de perversão que tem no Brasil. Então, ninguém tem obrigação de dar o que não tem e ninguém tem a obrigação de ter nada, isso é por definição. As suas obrigações são proporcionais aos seus recursos. Por exemplo, digamos que o meu filho está estudando artes marciais, foi hoje num campeonato, etc; ele tem alguma obrigação de ir lá lutar com o Wanderlei Silva e dar um cacete nele? Se ele entrar no ringue com o Wanderlei Silva, ele [Wanderei] fará picadinho dele. Portanto, ele não tem nenhuma obrigação disso. Se ele quiser se preparar para isso no futuro, muito bem, vai levar dez anos, vai dar um trabalho maluco.

Então, a classe média brasileira é louca para colocar nos ombros dos pais de família responsabilidades muito superiores a que eles podem carregar, é um processo realmente esmagatório. Minha sugestão: jamais fuja de seus deveres como pai de família, como marido. Nunca. Nem por uma vida de estudos. Encare essas obrigações como uma coisa absolutamente sacrossanta. Diga para si mesmo: se eu não sou nem capaz de sustentar uma família, é claro que eu não sou capaz de estudar filosofia. Eu tenho de ter o meu emprego, meu trabalho e tenho de sustentar, dar uma vida digna. Digna do que? Do seu nível! Por que é que ser pobre é indigno? Imagina um sujeito pobre que trabalha, você vai dizer: “A vida dele é indigna”. O que é que tem de indigno se ele não tem dinheiro no bolso! Indigno é você pegar o seu dinheiro e torrar tudo nos puteiros e não dar para a sua família. Isso é indigno! Então, você tem que ver que a sua obrigação é repartir com a mulher e os filhos o que você tem. Você pode tentar melhorar um pouquinho, mas você não tem obrigação de subir financeiramente. E qualquer pessoa que exija isso de você está muito errada. Você tem que ser para a sua esposa um professor amoroso e severo, não ceda um centímetro. Fique calmo, explique um milhão de vezes, se disser que ela não entendeu. Filho! Isso pode levar mil explicações, explique de novo, e de novo, e de novo e de novo com uma paciência assim sem fim. Se ela começar a discutir, diga: espera, senta aí que eu vou explicar de novo. Se ela discutir outra vez, você diz novamente: espera aí que eu vou te explicar de novo, de novo, de novo... Não ceda um centímetro, não grite e não fique bravo. Eu sei que depois se ela continuar com a mesma insistência durante dez anos, daí você tem o direito de ficar bravo, mas ela começou agora, coitadinha, e está grávida. Mulher grávida, você sabe que o sangue não vai para o cérebro direito, fica faltando ali. Então com mulher grávida não se discute, não adianta. Ela está apenas com metade do QI na ativa. Tenha paciência, mas não tolerância e bondade, mas não fraqueza. E meta na sua cabeça: “um dia eu

vou convencer essa mulher, um dia ela vai chegar para mim e dizer: “Eu estava errada, eu te prejudiquei””, e daí você vai afagar a cabeça dela e dizer: está tudo do mesmo jeito, não tem importância, está tudo perdoado, tudo limpo [02:40]. É isso que vai acontecer.

Aluno: Gostaria que o senhor fizesse um comentário sobre o surgimento e desenvolvimento, mesmo a entronização do segundo tipo de abstração, mencionado na aula passada, dentro das produções artísticas a partir do século XX.

Olavo: É um fenômeno da mais alta importância. Assim como a Ciência não trata de objetos concretos/reais, mas de pedaços separados, e por sua vez, nem os pedaços separados são olhados em si mesmos, são olhados só sob o ponto de vista matemático, a arte começou a fazer a mesma coisa. O que é a arte abstrata, o cubismo, senão exatamente isto? Então, o que a Arte Abstrata faz, às vezes ela está tentando ilustrar pictorialmente certos enlaces entre seres ideais, entre conceitos ideais, está tentando dar uma materialidade à lógica. Por exemplo, o cubismo dizia o seguinte: olha quando nós vemos um objeto, nós só o vemos por um lado, mas nós sabemos que ele tem outros lados. Então o que faz o cubismo? Desenha o objeto sob os vários lados ao mesmo tempo, e daí fica parecendo uma geringonça que não tem nada a ver com o objeto inicial. Claro, você está tentando representar o círculo de latência como se ele fosse não latente, mas patente, e isto é de uma estupidez fora do comum. Porque se eu pego, por exemplo, uma mesa desenhada por Velasques, que ele só desenha de onde ele vê com a devida perspectiva, aquela mesa me parece ocupar um lugar real no espaço. Eu não estou vendo o outro lado da mesa, mas o lado que eu estou vendo está representado de maneira tão clara, tão nítida, que eu sinto a presença do outro lado. Agora, quando Picasso desenha uma mesa que tem quarenta lados ao mesmo tempo, não se parece com uma mesa de maneira alguma, porque é uma confusão entre o patente e o latente. É uma confusão deliberada, é claro, e poderia ser considerado um comentário cômico à epistemologia, mas no máximo isso. Eu não tenho nada contra as representações abstratas, concretas, etc, se no fundo elas tiverem a referência aos entes reais, mas quanto começa a tomar esses enlaces puramente lógicos como se fossem entes reais, então está maluco mesmo. Quer dizer, é uma expressão da confusão intelectual contemporânea, contemporânea não porque já vem de muito tempo. Isto tudo, todos esses fenômenos vêm do que? Da falta de sinceridade, o indivíduo não reconhece que as coisas são como elas são. É o privilégio, o orgulho do pensamento que se sobrepõe à realidade e a espreme ou até a suprime, substituindo por objetos ideais.

Aluno: Em que medida você acha que isso vem afetando o registro das experiências e o discurso poético simbólico fundando a humanidade.

Olavo: Mas vem afetando brutalmente. O número de pessoas que acredita em objetos ideais negando as realidades mais patentes, é uma coisa impressionante. Todo o estudo que eu fiz sobre mentalidade revolucionária é uma coleção de exemplos disso aqui. Agora mesmo eu estou estudando

filósofo marxista Ernst Bloch do qual conhecia muita pouca coisa, sabia algo dele, mas agora é que estou observando melhor. E ele diz o seguinte: a história humana é um processo que em si mesmo não tem conteúdo, o conteúdo da história está dado no futuro. Quer dizer, a história vai chegar a um patamar ideal. E este patamar ideal será a razão, o sentido e o motivo de tudo que vem antes. Eu digo: Isto é muito bonito! Pensando assim, a história é um processo vazio em busca do seu conteúdo, o conteúdo está dado num futuro ideal. Só que para fazer esse raciocínio, ele está tomando um negócio chamado história como se fosse uma unidade real, quando ele mesmo diz que não é uma unidade real. A história não é uma linha, a história é escandida pelo nascimento e morte dos seres humanos. A história humana não existe mais para o neguinho que morreu. E ele não existe mais para a história humana, a não ser através da lembrança que os outros tenham dele e dos documentos que tenha deixado. Então, história é um universal abstrato construído com base numa linha hipotética que realmente não existe. Quando a humanidade chegar naquele futuro ideal, que segundo Bloch dará o sentido de tudo que se passou, as pessoas às quais aquilo que se passou se passou, não estarão mais aí. E esta nova geração que terá nascido lá, ela terá acesso a uma modalidade de vida, ela viverá na realidade enquanto todas as gerações anteriores viveram no nada e na fantasia. Você dizer que isto é um sentido? Eu digo, meu Deus! Isto é uma condenação absolutamente demoníaca. Quer dizer, todos nós, todas as gerações anteriores se transformam apenas em meios para que uma geração futura, que você não sabe quando vem, viva a vida real. Eu tenho que pensar: Ah! Estou aqui vivendo na irrealidade, na falta total de sentido, mas o tetraneto do meu tetraneto do meu tetraneto talvez chegue lá e isto justifica a minha vida. Quer dizer, em nome de quê você faz uns seres humanos meios para outros, e ainda acha que isso é maravilhoso? Depois tem outra coisa. Uma vez atingido este patamar ideal, quanto tempo isso vai durar? Esse famoso objetivo da História, uma vez alcançado, o que vai acontecer? Ele vai durar eternamente? Ernst Bloch não pode garantir isso e muito menos eu posso garantir. Vamos supor que dure duas gerações, e o sofrimento de milhares de gerações anteriores para que essas duas tivessem aquele mundo paradisíaco. Então evidentemente isso é uma cuspidinha na cara da humanidade. Ou a existência de cada indivíduo faz um sentido em si, ou o conjunto que é hipotético não pode fazer sentido algum. O que é isso? O sujeito pegou a noção de História, coisificou, botou no altar e ajoelhou ali na frente. Ele não se lembra que História é algo que só existe para historiadores, é uma unidade que só existe na cabeça dos historiadores. E que um concebe de uma maneira e outro de outra. História é um conjunto de idéias que os historiadores fazem sobre uma continuidade hipotética que eles mesmos sabem que é irreal. Então, é claro que isso é uma forma de alucinação e é essa alucinação que precisamente caracteriza a mentalidade revolucionária.

Bloch pegou o modelo do Evangelho, só que qual é a diferença? O Evangelho nos fala de um fim dos tempos com uma passagem à eternidade, no qual nos será revelada a eternidade do nosso ser, o reino sem fim numa outra escala de realidade. Se é outra escala de realidade então não é História mais. O sentido da História não pode ser realizado dentro da História, a meta da História não pode ser realizada dentro da História. Quando você dá um tiro é para que a bala atinja um alvo que não ela mesma. Quer dizer, a meta da História ser

realizada dentro da História é a mesma coisa que uma bala de revólver que se atinge a si mesma em pleno ar. É claro que é alucinação! Por que é que Bloch cometeu isso? Porque ele não acompanhou direito o fluxo dos pensamentos que ele estava tendo, ele contou a história errada. Ele começou com uma unidade ideal, chamada História, e depois continuou a tratar disso como se isso existisse realmente. Sendo que ele mesmo diz que não existe. E o processo todo se desenrola. A História se divide em três pedaços, primeiro tem o nada, depois tem o ainda não e depois tem algo que ele diz que é o tudo ou é o nada. Ele também não sabe se o final vai ser tudo ou nada. Porque ele diz: “Ah! Mas o processo também pode falhar”. Então quer dizer que, todos nós aqui, todas as gerações desde o homem neandertal, desde o *cro magnon*, desde Adão e Eva, todos aí sofrendo o diabo para que no fim dois ou três carinhas cheguem lá num negócio que pode ser tudo ou nada e eles chamam isso de sentido? Isso para mim é exatamente a falta de sentido. E, no entanto, tem tanta gente que leva o Bloch a sério! Até teólogos católicos, a Teologia da Libertação foi imensamente influenciada por Ernst Bloch. Eu dei à filosofia de Ernst Bloch duas semanas de atenção [02:50] porque eu sou um coração de ouro, imensamente generoso. Eu leio até o doutor Emir Sader, porque eu não vou ler Ernst Bloch que é um padre muito mais talentoso? Mas está dizendo um monte de besteira e de tudo aquilo o que se aproveita é nada. Bloch, tudo que se aproveita é o que ele tirou do Evangelho. Eu digo, mas estava melhor antes dele mexer.

Aluno: Pode-se considerar a propriedade de um objeto algo que pode estar presente ou não. Ou seja a propriedade sempre deve estar lá no objeto e o que muda é a quantidade, a qualidade e isso seria o acidente?

Olavo: Não! A propriedade está nele necessariamente desde o início, porque ela é uma decorrência imediata da essência. Agora, a manifestação temporal dessa propriedade pode não vir nunca. Por exemplo, todos os gatos têm a propriedade de virar cuícas, mas só um número determinado de gatos passa por esse destino realmente. Todos os ursos têm a propriedade de poder dançar no circo. Agora, a efetivação da propriedade no tempo pode ser um acidente.

Aluna : O senhor pode explicar o que Aristóteles entende por natureza humana?

Olavo: Natureza humana é o *eidos* da humanidade, é a forma interna que faz com que o ser humano tenha as possibilidades do ser humano e não as de uma minhoca, ou de um anjo ou de Deus. Note bem, você percebe esse *eidos* imediatamente em qualquer ser humano. Por exemplo, dizer que o homem é somente um animal racional, ser racional não basta, a não ser que você tome o *logos* no sentido muito mais extenso que a coisa tinha na Antiguidade. O ser humano tem a capacidade da autoconsciência e da responsabilidade pessoal, e você sabe isso de qualquer ser humano com que você se encontre. Você para seu carro num posto de gasolina e vê lá o sujeito enchendo o tanque, você sabe ou não sabe que ele é responsável pelo que ele está fazendo? Então ele aperta a mangueira e fica lá três dias saindo gasolina para tudo quanto é lado, inundando a cidade, já tudo pegando fogo e cara lá? Isso é uma conduta humana? Você não espera que o sujeito faça isto, porque você conta com que

ele tenha o senso da sua responsabilidade pessoal, se ele é capaz dizer para ele mesmo o que ele está fazendo e de julgar se ele deve fazer ou não, você conta com isto. Esta percepção é imediata. Quando você vê um bebê recém nascido, você já sabe que ele tem esta possibilidade a qual se manifestará no tempo devido. E se não manifestar, meu filho, você está com uma encrência aí. Então, a natureza humana tal como Aristóteles entende não é somente a definição abstrata do ser humano como animal racional, essa é uma definição por gênero próximo e diferença específica, mas a definição não é propriamente o conceito, o *eidos*. O *eidos* é o que você aprendeu na simples apreensão, e esta apreensão é enormemente rica, se você ficar só com o conceito sem ser capaz de recompor todo o círculo de latência que você percebeu no primeiro momento, então você trocou o ser humano por um esquema abstrato só, o qual por sua vez não é nem animal nem racional, é apenas uma idéia que você teve.

Nós temos uma dívida imensa para com os objetos percebidos. Você veja que aquilo que nós pensamos é uma titica de galinha em comparação com o mundo que você percebe. Você sai na rua, está andando, você está vendo um monte de pessoas, você sabe que cada um é um ser humano, você sabe que cada um tem um eu, cada um tem uma história, cada um tem um senso de responsabilidade moral, você sabe disto, você não precisa pensar tudo isto. Isso está dado na simples apreensão, e não é porque a simples apreensão como tal não tem voz, não tem expressão de todo o seu conteúdo, é impossível expressar todo o seu conteúdo, que ela deixa de existir. Dizer que a simples apreensão nada afirma nem nega, só considerado do ponto de vista da ciência lógica que é o estudo das articulações entre conceitos puros. Ai seguia o famoso Benedetto Croce, *Lógica come Scienza dei Conceito Puro*. O Croce nesse sentido estava na mesma pista do negócio do Husserl, mais tarde nós veremos isso. Uma das melhores coisas do Croce é o livro *Lógica como Ciência do Conceito Puro*.

O que Aristóteles entende como natureza humana é exatamente esta percepção da forma essencial humana que você reconhece instantaneamente em todos os seres humanos. A nossa capacidade de verbalizar isso é mínima, quase nula, e portanto a nossa capacidade de pensar sobre isso também é limitada. Mas a percepção concreta que você teve é de uma riqueza monstruosa. Por exemplo, quando você conhece bem uma pessoa, você tem afeição por ela, você a conhece a longos anos, você quando a vê, ela traz de volta toda aquela riqueza de história, de percepções e de trocas. E você sabe que qualquer outra pessoa tem isso também, embora não esteja manifestando isso para você, porque se você não soubesse isso, você não saberia que essa pessoa é um ser humano, podia ser um urso, um leão, um poste, qualquer outra coisa. Isso tudo que Aristóteles quer dizer com *eidos* ou forma. A forma é como diria o Mário, é a lei de proporcionalidade intrínseca que contém todas as potências que aquela individualidade ou aquela espécie tem e que pode se manifestar a qualquer momento. E que você não precisa perceber extensivamente, porque extensivamente você não conhece nada, nós só conhecemos por círculos de latência. E por que é assim? Porque as coisas também não existem plenamente tudo de uma vez, elas são círculos de latência. Por que você não pode ver todas as potencialidades de um ente todas

de uma vez como se fosse uma presença atual? Porque ela não pode manifestar isso tudo de uma vez. Por exemplo, você tem aqui uma gata, ela pode morrer nos próximos dez minutos se cair um tijolo na cabeça dela ou ela pode viver e ter quinze gatinhos, agora as duas coisas ao mesmo tempo ela não pode fazer, sobretudo ela não pode fazer nenhuma das duas coisas agora no instante em que você está vendo. Então, se nós percebermos por círculo de latência não é por uma limitação nossa, é porque a estrutura da realidade é constituída de círculos de latência.

Aluno [autor da carta anteriormente lida]: Sobre esse afastamento precavido, e se as pessoas são pessoas da sua família que você quer ajudar a ficar por perto, e o único contato que tem com elas é o nível delas e não o nosso? Você faz concessões?

Olavo: Concessões jamais, meu filho! Seja bom e guarde a sua atitude de superioridade, você é superior a essas pessoas. [03:00], porque você assumiu uma responsabilidade que elas nem podem entender. Então seja bom no nível delas. Mas espera aí, ser bom no nível delas não quer dizer fazer o que elas estão dizendo para você fazer. Você não pode obedecê-las, jamais! E outra coisa, a Bíblia fala honrar pai e mãe e não é obedecer pai e mãe, você obedece enquanto você está na dependência deles, se você não está mais você não tem obrigação nenhuma de obedecer pai e mãe. Qualquer pessoa com mais de dezoito anos tem a obrigação de se sustentar por si mesma e não precisar mais obedecer pai e mãe. Agora você está lá, pedindo dinheiro, etc, aí você vai ter que obedecer, mas a escolha é tua. Guarde a sua superioridade, uma superioridade modesta, superioridade que não vai humilhar as pessoas. Elas têm que sentir que há uma distância, que há uma zona na sua alma onde elas não penetram. Se você não mostrar que existe isso, aí é que elas nunca vão te compreender mesmo. Outra coisa, eu sempre digo, você tem que amar a sua família, você não tem que ficar esmolando para que ela ame você. Assim, você vai amar sem recompensa. Se o teu casamento é assim, esse é um casamento de sacrifício, mas se foi isso que você escolheu, você vai ter que levar esse sacrifício a sério. Como conciliar? Não há conciliação! Não é para conciliar, isto é para você viver nesta tensão, suportar esta tensão é condição fundamental para a vida intelectual no Brasil. Suportar assim estoicamente, você tem que fazer que nem Arthur Koestler, olhar o fim do mundo de pé e com o sapato engraxado...

Um aluno me mandou um negócio, é uma pena, vêm essas coisas compridas assim. Vamos ver. Ele está tentando explicar a diferença entre a apreensão do ser de unidade e a apreensão estética.

Aluno: Não precisamos necessariamente de uma unidade que preceda este ente em particular, se tivermos em ação em nosso espírito uma idéia geral da formação da unidade em função dos padrões e características dos estímulos apreendidos pelos sentidos (...)

Olavo: É o seguinte, você apreende a unidade no ser. Quando você vê um gato, você sabe que é um gato e não dois. Nós não projetamos sobre ele nenhum padrão de unidade, porque para você projetar você está indo para o lado

kantiano, que diz que nós temos na nossa mente os esquemas prévios, esquemas *a priori* de unidade, de continuidade, etc, e daí quando nós vemos uma coisa nós projetamos aquilo sobre ela. Isto é impossível. O que o Kant diz não apenas está errado, mas é impossível, impossível. Por quê? Como que eu poderia ter a noção de unidade na minha mente sem que eu mesmo tivesse alguma unidade não apenas mental? Se a noção de unidade estivesse na minha mente como é que eu poderia aplicá-la a mim mesmo? Fisicamente falando. A noção de unidade não vem da nossa mente, ela é um dado da realidade que não é percebido exteriormente, mas é percebido existencialmente por você mesmo quando você conta a sua história. Quando Kant diz que o espaço e o tempo não são dados percebidos na realidade, mas são formas *a priori* da consciência, ele está certo até o momento onde ele diz *a priori*. Quer dizer, a percepção de coisas no espaço e no tempo não significa que nós tenhamos percebido espaço e tempo. Espaço e tempo são condições da percepção. Mas quem disse que essas condições estão em mim? Ao contrário, sou que eu estou dentro delas, estou dentro delas não apenas cognitivamente, mas existencialmente. Quer dizer, eu estou realmente dentro delas. Você já viu alguém que percebeu espaço? Não! Ninguém percebe espaço, você percebe coisas dentro do espaço. E que percebe tempo? Não! Você percebe sucessões acontecendo dentro do tempo. Tempo e espaço são nomes que você dá a condições gerais que determinam toda a possibilidade de percepção. Mas se ela estivesse somente em você, como poderia haver a distinção entre percepção e pensamento? Seria impossível! Você não veria distinção nenhuma entre você perceber um gato e pensar um gato. Então isso significa que toda esta armadura *a priori* é a armadura da realidade e não do nosso conhecimento. O problema é que Kant sempre via as coisas, ele sempre se colocava como sujeito cognoscente, ele em nenhum momento – eu não li tudo que Kant escreveu, evidentemente, mas li um bocado – se analisa a si próprio como objeto de conhecimento. Ele procede como se ele fosse o único sujeito cognoscente do universo no qual se condensa a cognição humana de modo universal. É só você lembrar que além de você conhecer, você também é conhecido e, mais ainda, o que você sabe do que os outros conhecem de você é um dado permanente que você leva em conta, para você entender que esse quadro de espaço-tempo não está na sua mente e nem na mente de todos os seres humanos, mas ao contrário os seres humanos estão dentro desse esquema. Então vamos lá.

Aluno: (...) Toda a percepção de algo pelos sentidos é a percepção de algo que se forma em algum lugar no espaço e no momento do tempo. Então a apreensão da unidade do ente se realiza na satisfação de um critério que estabelece algum grau de analogia de proximidade. (...)

Olavo: Não. Você está tentando raciocinar, mas está indo para o lado errado. Você não percebe a unidade por analogia, porque analogia teria que ser com outro ente cuja a unidade você conhece. E dessa, analogia com outro, com outro e com outro, isso nunca terminaria. A percepção de unidade é imediata. A percepção do ser é a percepção da sua unidade. Como existem várias modalidades de unidade, existe a unidade de um corpo no espaço, existe a unidade de certa área ou de certo território, existe a unidade de uma sucessão no tempo, existem várias modalidades de unidade, então você as percebe

também diferenciadamente. Perceber um gato não é a mesma coisa que perceber o que ele está fazendo. Você tem a capacidade de perceber a unidade do gato e perceber a unidade do processo pelo qual, por exemplo, ele persegue uma bolinha de um lado da sala até o outro da sala. São duas unidades que você está percebendo e elas têm uma articulação entre si. Essa articulação por sua vez se dá na esfera do *eidos*, quer dizer, o gato tem a possibilidade de entrar nesse processo de perseguir a bolinha. Nada disso é percebido por analogia. Para fazer analogia de dois entes você precisa conhecê-los. E se conhecer um único ente já é analogia, então acabou! Você não conhece nenhum, vira tudo analogia e os entes se dissolvem na floresta sem fim de analogias na qual você não pode perceber unidade nenhuma.

Outra coisa, perceber analogia é perceber uma síntese de diferenças e semelhanças, ou seja, perceber uma unidade lógica. Ora, uma unidade lógica é muito mais difícil de você perceber do que a unidade de um gato. Veja, isso é uma regra de filosofia, não explicar o *obscurum* pelo *obscurius*: não explique uma coisa que é obscura por outra que é mais obscura ainda.

Aluno: Essa mesma relação de proximidade de momento local é a mesma relação que nos informa a respeito do nexo de causalidade entre dois eventos. A visão do gato e a percepção de determinadas características visuais que emanam de um trajeto no espaço realizado pelo gato numa determinada velocidade [03:10] e ao mesmo tempo pode-se ouvir os sons que são localizados nos mesmos locais que o gato se move. A noção de unidade do real não seria decorrente de uma unidade do ente que precede a percepção do ente, mas a noção de unidade de espaço e tempo de cada estímulo de modo que entendemos que o som, a visão, o olfato e o tato se realizam no mesmo espaço e no mesmo tempo?

Olavo: Bom, o que você está querendo dizer é o seguinte: Eu percebo a unidade do gato porque eu percebo a continuidade do seu modo de ser no espaço e no tempo. Eu digo, para mim parece o contrário. Você percebe a continuidade da ação dele no espaço e no tempo porque você o percebeu como unidade, porque a unidade da ação pressupõe várias figuras diferentes do mesmo ao gato. E se você já não tem uma unidade de gato ao qual você referir às várias situações, então voltamos a estaca zero. Perceber um ente é perceber a sua unidade, essa unidade é sempre unidade complexa, por isso mesmo eu falo do círculo de latência. Ou seja, você não está percebendo a unidade absoluta, porque a unidade absoluta só pode ser percebida como unidade eterna e imutável. Não existe um gato eterno e imutável. Então, a unidade do gato é uma unidade tensional como a unidade de praticamente de tudo que existe. Eu não sei se estou entendendo perfeitamente o seu raciocínio, eu posso estar até entendendo ao contrário.

Aluno: O espaço e o tempo de cada um deles coincide no mesmo espaço e tempo e esta é a noção que nos permitiria construir a unidade?

Olavo: A unidade não é construída. A unidade é percebida imediatamente. E toda a possibilidade de construção pressupõe a percepção da unidade do ente,

senão você não teria o que construir em cima. O Construtivismo na percepção é a coisa mais louca que existe. O Construtivismo só existe na esfera do pensamento: as percepções não são construídas. Às vezes você não percebe uma unidade à primeira vista porque ela é complexa demais, então você percebe unidades parciais e depois é que você atina com a unidade do conjunto. Porém, isso aí acontece não com entes singulares, mas com processos complexos. Você vê um edifício de fora e começa a percorrer os quartos dele um por um, e recompõe a unidade do edifício inteiro. Mas, como você compôs a unidade do edifício inteiro, a unidade diferenciada, se você já não tivesse a unidade sintética no começo? Na hora em que você percebe a unidade sintética do edifício você sabe que alguma estrutura interna ele tem: isto é o círculo de latência do que você está percebendo. Você ainda não conhece esta estrutura interna, você vai conhecê-la, mas só pode conhecê-la se você pressupõe que o edifício continua sendo o mesmo edifício enquanto você percorre os seus vários compartimentos internos. Então, a percepção de unidade jamais é construída, o que você pode fazer é atravessar vários patamares de percepção de unidade da mais simples para a mais complexa. Isto só é possível porque existe a simples apreensão no início, e tudo já está, de certo modo, contido nela. Se não estivesse, então você veria o edifício de fora e depois seria uma surpresa extraordinária descobrir que ele tem quartos banheiros etc. Mas eu não conheço ninguém que, ao ver um edifício, supõe que ele é apenas um espaço vazio cercado de muros, que não tem nada dentro, não tem paredes, banheiros, quartos. Do mesmo modo, você conhecer um gato é saber que ele é um ser vivo, é um organismo que funciona internamente de alguma maneira, mesmo que você não saiba como – você não precisa conhecer toda a anatomia e fisiologia do gato. A possibilidade de conhecê-la repousa no que? Repousa no fato de que você percebeu que é um gato. O próprio Aristóteles fez um estudo da embriologia do gato. Se ele fez o estudo é porque ele não sabia como era a embriologia do gato antes de fazer o estudo. Mas a unidade do gato permaneceu a mesma, se não o dia que ele fosse examinar a gata, grávida de três meses, ele se perguntaria se seria a mesma que no mês passado estava grávida de dois meses. Assim não dá. Toda essa diversificação pressupõe a apreensão imediata da unidade. Ser e unidade são a mesma coisa, e percepção do ser e percepção da sua unidade também são a mesma coisa. Só que essa unidade pode ser conhecida em vários níveis, à medida que os elementos do círculo de latência se manifestam. Por isso eu chamei latente: latente é o que está dentro, está pulsando para aparecer, mas não apareceu ainda. Se a gata está dando de mamar para os gatinhos, nós não podemos dizer que isto faz parte do círculo de latência dela, está patente, está na cara que a gata está dando de mamar para os gatinhos.

Não vai dar para analisar tudo isto aqui, nós precisamos uma aula inteira para esta coisa. Às vezes eu fico desesperado porque nós realmente temos pouco tempo, nós precisamos de mais tempo e um dia eu vou dar um jeito nisso, vou inventar um jeito de nós termos mais aulas, e também de ter uma interatividade melhor para podermos conversar em voz alta. Por enquanto não temos internéticos para isso, mas espero ter muito em breve.

Aluno: Na minha primeira tentativa de realizar o exercício do necrológio comecei dizendo mais ou menos o seguinte: incluo-me entre aqueles que ainda

não conseguiram fazer o exercício do necrológio.

Olavo: Ele é difícil. Existe uma resistência contra isso. O sujeito tem medo de inventar uma personalidade bonita e não conseguir realizá-la; tem medo de falsificar tudo, de inventar um personagem totalmente idealizado que você, de fato, não pode ser. Tem uma série de medos aí.

Aluno: *E concluí dizendo que eu havia escolhido certos princípios cardeais (honestidade, sinceridade, simplicidade), os quais serviriam de bússolas com os quais eu orientaria minha vida. Disse que achava que com aquilo tinha dado o primeiro passo. Hoje, meditando sobre essa questão, penso que desejaria ser reconhecido na morte como uma pessoa que, em vida, libertou-se. Essa liberdade significa, segundo estou pensando, a capacidade de ser feliz sozinho, de poder admitir, no dia de minha morte, não ter ninguém ao meu lado.*

Olavo: Eu acho que é um ideal possível, porém, ele mesmo diz:

Aluno: *Não significa que eu queira estar sozinho na morte, absolutamente não. Desejo, ao invés disso, estar reodeado das pessoas que amo na hora da morte e durante a minha vida restante. Mas a capacidade de ser feliz sozinho parece ser a pedra de toque da minha existência.*

Olavo: É o elemento fundamental. Não é ser feliz sozinho, é ser feliz mesmo que esteja sozinho, o que é completamente diferente. Se este sozinho é visto em sentido absoluto, então a coisa se torna uma contradição em termos, porque seria a própria negação do sentido da vida, ou seja, eu mesmo sou o sentido da vida, eu mesmo sou a forma terminal. Isso aí não vai dar, isso aí é o inferno. Você está na pista de uma coisa muito importante. Eu muitas vezes pensei isso: na hora da morte ninguém mais gosta de mim, me largaram na rua, eu estou lá como um mendigo, ferrado, todo mundo me virou as costas. Mas eu tenho um nome que eu posso chamar, eu chamo Nosso Senhor Jesus Cristo, e eu sei que ele não pode me largar. Ele não vai me largar de jeito nenhum, porque faz parte da natureza dele. Eu não acredito que eu exista como unidade substantiva por mim mesmo. Há muitos anos eu tenho esta consciência de que eu sou um ente criado por algo que me transcende. Eu não tenho um fundamento da minha própria existência, então quando eu me desfizer, aparece o que? O fundamento. A gente é como uma espuma em cima do mar, mas em baixo da espuma tem o mar.

Aluno: *Decidi deixar a Universidade antes de concluir o curso de graduação para me dedicar ao estudo da Filosofia sem mediação pedagógica, ou com mediação feita por você.*

Olavo: Sem mediação pedagógica? Você está tendo a melhor mediação que existe! Cá entre nós, tem outro professor melhor que eu? Não tem! [risos]

Aluno: *Tive de enfrentar, portanto, o seguinte problema que saltaria os olhos do analista da minha situação: como ganhar dinheiro, sem nenhuma titulação acadêmica e dedicando poucas horas ao trabalho para que seja atingida uma dedicação quase integral aos estudos filosóficos?*

Olavo: Aqui nos EUA foi feita uma pesquisa, e a quase totalidade dos milionários não tem nenhum título acadêmico. É tudo gente que parou de estudar no segundo ou no terceiro ano, então não fique muito impressionado com isto.

Aluno: A solução que encontrei foi abrir uma pequena empresa e fundamentar a administração dela em duas práticas: (a) deixar quase todo o trabalho necessário ao seu funcionamento a cargo de funcionários; (b) estudar bastante literatura para administração, especialmente acadêmica, com a finalidade de minimizar o risco de crise, endividamento e falência.

Olavo: Olha, esses livros de administração são uma maravilha, eu li um montão! Eu trabalhei em uma revista de administração. É um assunto interessantíssimo e, se você pensar bem, é um assunto maravilhoso, sobretudo se você ler os livros de Aristóteles – Ética e Política –, e vai relacionando com isso. Aristóteles escreveu até um livro de economia doméstica. Se ele podia se interessar por isso, por que é que nós não podemos nos interessar no nosso próprio futuro financeiro?

Aqui nos EUA tem um monte de livros sobre como você ficar rico. Quando você soma tudo você vê que a coisa é baseada em certo número de princípios. O primeiro princípio é o seguinte: todas as pessoas que estão colaborando com você têm de participar do mesmo objetivo. Se tem um que não está querendo, ponha-o para fora. [3:20] Tem de encontrar unidade, encontrar verdadeira amizade, se não, não vai dar certo. Segundo: apostar no automatismo é fundamental. Qualquer processo de enriquecimento que dependa de uma baita disciplina, de você estar ali tendo que a toda hora manter uma máquina funcionando, e ela não funciona, quer dizer, tem de criar um negócio que tenha um automatismo por si. Claro que de vez em quando você tem de entrar e fazer as correções no mecanismo, mas, se não tiver esta coisa auto-reprodutiva, não funciona.

Aluno: No entanto, a dificuldade de obtenção de empréstimo que financia o capital inicial pode inviabilizar essa solução. Uma solução alternativa seria finalizar a graduação, o que demandaria pouco tempo e um curso ruim de ensino à distância, e conseguir um bom cargo acadêmico, e estabilidade empregatícia relativamente alta através da contratação por notório saber.

Olavo: Eu acho que isso é muito complicado no Brasil. Não siga a via acadêmica. Comece com qualquer capital que você tenha. Ele pergunta o que eu sei sobre o assunto do notório saber. Eu sei que é muito difícil no Brasil. Com notório saber você pode concorrer a um cargo de professor titular, mas não a qualquer outro cargo universitário: ou você vai ser o chefe ou não vai ser nada. O Romano Galeffi, que foi professor titular de Crítica de Arte, uma disciplina que ele mesmo implantou na universidade brasileira, não tinha diploma de crítico de arte, ele mesmo inventou o negócio. Ele, então propôs o negócio e concorreu como professor titular e ganhou por notório saber, mas ele já tinha uma folha realizações imensa. Ele fez isso aos 60 anos de idade. Eu não sugiro nenhuma carreira acadêmica. Se você quer ganhar dinheiro e gosta

de livros de Administração, meu filho, você está com tudo na mão. Invente um negócio e vá em frente. Quem quer que tenha algum talento para montar negócios deve montá-los e deve convocar pessoas do nosso próprio meio. Nós temos mais de mil alunos, então ajuntem-se, fortaleçam-se e ganhem dinheiro.

Aluno: Você acha possível escrever alguma coisa que não ofenda minha honestidade e ambição intelectuais com cerca de seis anos de estudo?

Olavo: Certamente. Em torno de cinco ou seis anos aqui você vai estar afiadíssimo! Principalmente a partir de agora, que vamos começar com mais indicações bibliográficas, acumulação de cultura filosófica.. Além da prática que é dada nestas aulas, tem o lado da acumulação de cultura filosófica que é importante, e nós vamos contar com isso cada vez mais.

Aluno: Qual foi a solução que o grande Mário Ferreira dos Santos deu ao problema?

Olavo: Ele jamais teve este problema porque ele herdou do pai quatro cinemas, e o seu único serviço era passar na bilheteria no fim do dia e catar o dinheiro. E ele também criou aquele curso de oratória e retórica que teve milhares de alunos, um monte de políticos – o Maluf foi aluno dele.

Aluno: Na penúltima aula, após o comentário do aluno sobre seu ancestral que pertencia ao Partido Comunista e, por isso, havia seguido uma vida de pobreza e luta, você comentou que comunistas assim não existem mais. Fiquei com uma dúvida: (I) É menos pior ser coerente com uma doutrina mentirosa, como o sujeito que prefere a pobreza pessoal, causando sofrimento para si e para outrem em vista dos princípios satânicos comunistas, ou outro que, dizendo-se comunista, não segue aparentemente tais princípios.

Olavo: Aí é uma boa dúvida! Eu acho que o comunista coerente e honesto é pior que o desonesto, porque a mentira dele é integral, e a do outro não. Uma porcaria como o comunismo só pode acreditar da boca para fora. Se você ganhar algum dinheiro com isso pelo menos justifica um pouco.

Aluno: Será que, no fundo, o princípio real do comunismo é justamente o mentir, o engodo em vista do egoísmo e da vantagem pessoal?

Olavo: Mas sem a menor sombra de dúvida! Porque aquele sujeito que é modesto, que é um militante modesto etc, quando vier o socialismo ele pretende ser o que? Voltar para casa e ser trabalhador? Não, todos os militantes comunistas querem ser dirigentes comunistas quando vier o comunismo. E você não só vai ter muito dinheiro, mas vai ter um poder discricionário fora do comum. Todos sonham com isso! Eu não conheço um único militante que, uma vez instaurado o comunismo, pretenda continuar sendo apenas um militante. Isso por definição não há! Então, a ambição desse sujeito é infinitamente maior do que a ambição de qualquer empresário que quer apenas ganhar dinheiro. O sujeito quer ter um poder de vida e morte sobre os outros. O discurso moralista do comunista, mesmo daquele mais dedicado e coerente, é de uma mendacidade completa! E a desculpa sempre

será a seguinte: amanhã nós teremos um mundo paradisíaco, mas vai ser preciso que, para que alguém transforme o presente estado de coisas naquele paraíso que nós precisamos acumular o poder. Mas essa foi a desculpa de todo mundo que sempre quis o poder. Agora, você quer o poder sem dinheiro? Se você tem poder você não precisa de dinheiro. Eu duvido que Stalin carregasse uma nota de dois rublos na sua carteira, porque na carteira dele tinha pessoas, instituições etc; ele não precisava de dinheiro. Das formas de poder o dinheiro é uma das mais fracas. O dinheiro é um meio de adquirir poder, mas, em si mesmo, ele não é um poder porque ele tem de ser garantido por um poder externo de natureza político-militar. Então, quem garante o dinheiro é um governo. E o poder do governo não consiste em dinheiro, consiste no poder de matar: ele tem forças armadas, polícia, aparato judicial, burocracia. Ele tem o poder de destruir pessoas, que é infinitamente superior ao poder do dinheiro. O dinheiro é um poder passivo, por assim dizer, feminino, e, como tal, se no devido tempo você transformar seu poder financeiro em poder real, por exemplo, número de militantes, armas, exército pessoal, aí sim você tem um poder. Fora disso não! Um capitalista sem uma organização político-militar para sustenta-lo é a pessoa mais indefesa do mundo! E os comunistas sabem perfeitamente que o poder burguês é só da boca para fora, que aquilo é uma bolha de sabão. Geralmente o burguês não se defende, na melhor das hipóteses ele foge. Foge, tenta se acomodar como a nossa burguesia faz o tempo todo.

Um dia desses um sujeito mandou uma carta para o Julio Severo – até tirei uma cópia e estava lendo aqui – defendendo o socialismo: “Você é capitalista? Você concorda com a corrida desenfreada pela ganância financeira dos americanos?” O que é a corrida desesperada pela ganância financeira comparada com a disputa do poder entre revolucionários? Após cada revolução comunista todos os revolucionários morrem assassinados por outros revolucionários. Você acha que os capitalistas vivem se assassinando uns aos outros? É assim que eles concorrem? Não, capitalista se associa, faz negócios etc. Esta imagem da ganância de dinheiro é coisa mais literária do que real. A ambição de você ter poder sobre os outros é a ambição de ter o poder de matá-los. E como você obtém o poder de matá-los? Matando-os. Diga-me uma revolução na qual não aconteceu isso. Sempre acontece. Nos EUA não aconteceu porque a Revolução Americana não foi uma revolução no sentido estrito, foi uma guerra de libertação nacional, uma coisa completamente diferente, e uma guerra de independência, outra coisa completamente diferente; não foi um processo revolucionário para criar uma concentração de poder, então não foi uma revolução de maneira alguma. Mas onde houve uma revolução foi sempre assim: Revolução Russa, Revolução Francesa, Revolução Espanhola, Revolução chinesa. O capitalista mais ganancioso comparado a qualquer líder revolucionário é um asceta que se contenta com uma quantidade ínfima de poder onde ele ainda tem de negociar com os outros. Mao Tse Tung negociava com alguém quando aparecia um cara dentro do partido incomodando? Não, manda matar aquele desgraçado logo. A pessoa que fala isso raciocina na base de estereótipos literários ou propagandísticos, e não da história efetiva. É característica do raciocínio adolescente, que só lida com idéias puras, tem horror da realidade.

Nós vamos ter de encerrar aqui. Tem um monte de perguntas interessantíssimas. Nem todas as perguntas serão perdidas, mas nós vamos aproveitá-las de algum modo, vamos aumentar o número de aulas. Hoje eu até queria fazer uma análise de um texto do Dr. Emir Sader. Vocês perderam essa grande oportunidade, então vai ter de ficar para a próxima.

Eu queria apelar aos alunos que fizessem um esforcinho para assistir a aula ao vivo e não só na gravação. Se não der, você pega na gravação, evidentemente. Eu acho importante que a gente vá preparando aqui um senso de presença e de convivência. Até o negócio do *chat* é importante. Embora tenha havido algum desperdício de *chat* com assuntos irrelevantes, eu acho que esta convivência é uma coisa muitíssimo importante. Vocês realmente têm de se ajudar a fortalecer uns aos outros, porque nós estamos formando um meio social nosso, de pessoas que têm os mesmos objetivos na vida, têm os mesmo valores e é aí que vocês vão encontrar as verdadeiras amizades e o verdadeiro apoio. Não contem com o apoio e a compreensão de mais ninguém, conte com a compreensão de quem te compreende. Ó, raios! É muito difícil entender isso? Você não precisa da compreensão dos outros, você deve ajudá-los, mas sem esperar nada em troca. Se acontece que essa sua pessoa é a sua própria mulher continue fazendo isso que um dia ela vai mudar a cabeça dela, e vai ficar boazinha de uma maneira que você não imagina. O dia que ela perceber que o atrapalhou e tiver um arrependimento ela vai ficar um doce. Mas você tem de ficar firme ali, não brigue não. Seja chato, se ela reclamar mande ela sentar e explique de novo. Se ela reclamar outra vez, mande-a sentar e explique de novo. Água mole pedra dura. Você será recompensado. [3:33]

Transcrição:

Gilberto Luiz B. Edson, 01/01/2011

Maurício Doval, 17/09/2010 [mbdoval@gmail.com]

Henrique Nogueira de Albuquerque, 28/9/2010 [hnalbuquerque@yahoo.com.br]

Maurício Doval, 19/09/2010 [mbdoval@gmail.com]

Klauss P. Tofanetto, 30/09/2010 [klauss_viribus@yahoo.com.br]

Djane Bouças de Carvalho Britto, 13/09/2010 [bcbdjane@gmail.com ;
djanedj@hotmail.com]

Djane Bouças de C. Britto, 18/09/2010, [bcbdjane@gmail.com ;
djanedj@hotmail.com]

Revisão

Tiago Araújo Silva Venson, 16/8/2011 [tiago.venson@gmail.com]